

A 860,196

PROPERTY OF
*University of
Michigan
Libraries*

1817

ARTES SCIENTIA VERITAS



15.01

O POEMA DA MISERIA



Candido de Rigueiredo.

0

POEMA DA MISERIA

CANTICOS E THRENOS

POR

CANDIDO DE FIGUEIREDO

COIMBRA
LIVRARIA POPULAR—EDITORA
1874

869.8

F469 pn

COIMBRA—IMPRESA COMMERCIAL E INDUSTRIAL.

63-275054

25
193



AOS

MISERABLES

CONSAGRA
ESTAS PAGINAS

O AUTOR



INTRODUÇÃO



Genio ! dilecto filho da verdade,
eterno campeador das leis eternas,
que os espaços e os seculos governas,
incarnação talvez da divindade;
tu, que no longo caminhar da historia
tens levantado marcos milliaris
por celebrar vastos cinerarios
onde passou o gladio da victoria;

tu, que tens construido altas peanhas
em que os guerreiros das passadas eras
mal escondiam o odio das pantheras
sob as memorias de ideais façanhas;
genio! tu, que exalçaste o nome e a fama
dos Shás e de Rámá, de heróe troiano,
e de quantos o cego culto humano
em aras e pantheons memóra e acclama:
dize-me—onde é que se escondia acaso
o povo que não viste e que olvidaste?
porque, através dos tempos, o julgaste
para os aromas teus impuro vaso?
porque o não levantaste da poeira
em que o pé dos heróes e esmigalhava,
e em que se contorcia a raça escrava,
comprimida por férrea gargalheira?

Li Valmiki, Firdúsi, e li Homero,
Virgilio, e o meu Camões, e os trovadores,
e os cantos de escurris aduladores
que incensavam dos reis o vulto austero.

E no recesso da alma solitaria
estalou-me um gemido longo e crebro,
por ver malditos o felláh, e o guebro,
e o servo dos heróes, e o ilota, e o pária!
A face afogueou-se-me de pejo,
pelo desprêzo a que votaste, oh genio,
os interlocutores de Menenio,
que se elevaram, no mais nobre adejo,
por sobre o esterquilinio nauseante
em que o patricio e o senador romano
se rebolcava senhoril e ufano,
á sombra dos laureis da Roma ovante!
Fez-me vergonha a grande voz da historia,
que de Alexandre eternizou o nome
e não disse uma vez:—Jacques Bonhomme,
partilha dos heróes a justa gloria!—
Senti que a dor me lancinava o peito,
quando vi que da historia o ingente brado
deixava em sombra escura o desherdado,
o que é faminto e o que não tem um leito!

Nunca tiveste, espesinhado povo,
quem te arrancasse ás trevas desse olvido
e instillasse em teu seio dolorido
conforto, bençam, luz de um dia novo !
Mas... não importa ! ás grandes epopeias
contrapões tu, perante o heróe que passa,
o poema infinito da desgraça,
rico de profundissimas ideias ;
poema tinto em sangue de innocentes,
dourado pelos raios da esperança,
raios fagueiros que a justiça lança
na escuridão dos mártires e crentes.

Traçaste com teu sangue o teu poema ;
cobriste cada estrofe com teu pranto ;
quando surgiu o Christo, ergueste um canto,
sobre as Piramides gravaste um lemma ;
e oiço ainda o gemido rude e triste
que para sempre reboou no espaço,
quando os sangrentos arraiais de Crasso
o pé te falsearam e caíste.

Aquella grande estrofe,—a Jacquería,—
arrebata de dor e sentimento;
e, a cada instante, um sublimado accento
ergues na tua dolorosa via.

Admiro o teu poema, povo obscuro;
andei deletreando-o, folha a folha,
e, por que o meu espirito o recolha,
recompol-o na integra procuro...
Meu canto é para ti, mártir sublime!
Nas horas longas da estação gelada,
tenho escutado a queixa amargurada
da mãe que ao seio os filhos nús comprime.
Tenho visto a miseria confundida
nos puros osculos do amor materno,
e tenho visto na caudal do inverno
arrastada a cabana derruida.
Tenho pensado no profundo estigma
que a fome crava em faces macilentas;
e, do futuro ás portas nevoentas,
tenho implorado a solução do enigma.

Tenho visto os prostibulos patentes,
como voragem negra e irresistivel,
onde o anjo do mal, anjo invisivel,
num sopro extingue luzes esplendentes.
Tenho ouvido no esconso da caserna
os murmúrios pungentes do soldado;
e os condoidos olhos mergulhado
nos misterios do jogo e da taberna.

Intelligencias nobres afogadas
no fel da corrupção e da ignorancia;
cuspido o velho; desvalida a infancia;
a mentira e a doblez galardoadas;
da officina ao bordel, perdida a fêria;
prostrada a turba ás plantas do argentario;
morto de aspirações o proletario
na mansarda insalubre da miseria:
são as imagens que tu, povo, estampas
na necrópole immensa em que a desgraça
tantos estira e friamente abraça,
como um vampiro a doidejar nas campas.

E estas imagens surgem fantasiosas,
descerram alta noite as minhas portas,
e conversam cômigo a horas mortas,
no meu leito espargindo pranto e rosas.
Meu canto é para ti, mártir sublime!
Tu hás de comprehender o amor immenso
que do seio me brota quando penso
na escura noite que a tua alma opprime!
Tu hás de soletrar cada palavra
donde a justiça, e o amor por ti, ressumbre;
e hás de achar em meus brados um vislumbre
do incendio enorme que em teu peito lavra.

Não vou pisar os fofos pavimentos
dos felizes, dos fátuos e dos grandes,
a cujas portas, de continuo, expandes
imprecações e preces e lamentos:
nunca a falsa grandeza em seus caminhos
me encontrou genuflexo e reverente;
— a minha musa é nobre e independente,
ama os andrajos, calca pergaminhos.

Se algum eco disperso destes cantos
fosse espaiar-se nos salões doirados,
aonde nunca chegam os teus brados,
e onde não há quem te recolha os prantos,
minhas vozes seriam tão funestas,
tão malditas no seio da ventura,
como a legenda que, fatal e escura,
surprehendeu Balthazar em suas festas.

Meu canto é para ti, mártir sublime!
Chamam-te ocioso e débil os avaros;
julgam-te ignaro e vil os vis e ignaros,
e ultrajam-te os idolatras do crime;
se te accendem a febre do delirio,
nomeiam-te assassino os que te esmagam;
e, quando os lustres nos salões se apagam,
pisam, na sombra, a cruz do teu martirio.
E eu quero, em teus momentos de amargura,
dar-te o conforto de uma voz amiga,
e o balsamo suave que mitiga
no teu colmado a tua dor obscura;

quero—um protesto erguer contra os injustos
que te expulsam de seus marmóreos paços,
e que abrem um sorrir, cruzando os braços
diante do teu leito de Proculus;
quero — desenrolar o teu sudario
por sobre os quatro angulos da praça,
e levar os clamores da desgraça
às portas do opulento e do usurario.

Não ergo a vista ao solio resplendente
onde a humana ambição pleiteia glorias:
ao paginar teu livro de memorias,
eu, desta gloria só, fico contente.

NOVA MUSA

Tu que, avoejando á immensidão dos ares,
cantas de amor em páramos distantes,
e habitas nesses mundos coruscantes,
— ilhas de luz em bonançosos mares ;

estende sobre a terra os teus olhares,
deixa a região das aguias triunfantes,
e presta ouvido ás queixas lancinantes
que soam, cada hora, em nossos lares.

Sólta o verbo de apostolo, poeta ;
lança ao porvir um brado de profeta ;
dá luz á sombra e espirito á materia !

Feriu-se a luta em baixo ! Desce, e escuta !
seja parnaso a choça ; gloria, a luta ;
pallida musa, o arcanjo da miseria !



HISTORIA VULGAR

—Sentada ao pé dessa esquina,
andrajosa, semi-nua,
¿não sentes fria a nebrina,
frias as pedras da rua?

—Sinto.

—E que fazes então,
por estas noites sombrias?

— Senhor, estendo as mãos frias,
pedindo agasalho e pão.

••

— Aqui é tudo deserto;
alevanta-te da lama
e procura abrigo certo.
— Não tenho casa nem cama.

— Ergue-te ao menos.
— Não posso;
quebra-me o corpo o cançasso;
a fome prende-me à terra,
o frio tolhe-me o passo.

— Pobre mendiga ! No mundo
não tens carinhos de mãe ?
de irmãos o affecto profundo ?
não tens familia ?

— Ninguém !

— Pois nesta vida de espinhos
nunca achaste, desgraçada,
a flor dos doces carinhos,
o perfume do amor ?

— Nada !

—E nem ás vagas escuras
da vida, mar inquieto,
num momento de venturas
confiaste o teu affecto?

— Confiei, oh! confiei !
a serpe da seducção
adormentou-me, e acordei
no abismo da perdição.

—Mas desse abismo de horror
podia salvar-te o brilho
de uma lagrima de dor
ou de um sorriso de um filho !

— Perdão, senhor! esse nome
vem agravar a ferida
que jorra sangue na historia
da pobre mulher perdida.

— Tiveste filhos ?

— Um tive,
mas... deixai que mais não diga!
— É morto?

— Não sei se vive,
mas... dai esmola á mendiga.

— Que fizeste de teu filho ?
— Fiz o que fazem aquellas
que, sendo impuras, procuram
mostrar-se honestas e bellas.

Que era mãe reconheci ;
mas o ser mãe era crime
que só o crime redime;
com outro crime o remi.

Tomei meu filho nos braços,
(sorria a criança nua!)
dei para fóra dois passos,
e expul-o á porta da rua.

Em quanto eu estremecia
entre cruel e medrosa,
a criança desditosa
abraçava-me, e sorria.

Perdi meu filho. A clemencia
fugiu do seio materno;
mas a clemencia do Eterno
abeirou-se da innocencia;

e, dispensando-lhe afagos
de caridade e de amor,
velou de miseria e dor
os meus dias aziagoz.

— Esmaga-te a expiação ?
que admira, se Deus não dorme !
nunca falta a um crime enorme
o estigma da maldicção !

Tu sabes o que é um filho.
nos braços de sua mãe ?
sabes de cifras que abranjam
todo o valor que elle tem ?

A criança que no mundo
recebe a primeira luz,
vendo o misterio profundo
que a teus peitos o conduz,

é cadeia diamantina
que religa a mãe ao pai,
cadeia que a mãe ferina
pode espedeçar num ai.;

é uma gota de néctar
que do seio do infinito
orvalha uns labios unidos
por um ósculo bemdito.

Se ergues delle os olhos teus,
desvia-l'os deshumana
de um pensamente de Deus,
incarnado, em fôrma humana.

E teu filho, só, sem mãe,
abandonado, perdido,
é quasi sempre um bandido,
quasi nunca um Girardin !

Vós, mãis, sois a estrella d'alva
para quem entra na vida ;
se a luz vossa nos não salva,
quem nos há de dar guarida ?

Que será de quem, nascendo,
cái nas lages da cidade,
e recebe amparo estranho,
à sombra da caridade ?

O coração, a scentelha
que lhe empresta o Creador,
há de apagar-se nas trevas,
sumir-se á mingua de amor.

E o homem, tornado fêra,
não terá para ninguém,
carinhos que não tivêra
nos braços de sua mãe.

E aquella alma solitaria,
em perpétuo paroxismo,
irá de abismo em abismo,
à mercê da sorte vária.

Eis o teu crime! Expiando-o,
de teu filho te hás lembrado;
tu, definhando de fome ;
delle... morto, 'ou desprezado !

À mãe, que em seio impolluto
recebeu o sol do amor,
disse Deus : pallida flor,
abençoado o teu fruto !

Foste surda á voz celeste
que em ti se repercutira :
seduziu-te a van mentira
e a flor e o fruto perdeste.

E não tens hoje um esteio
porque o quebraste, mulher !
ninguem no mundo te quer,
ninguem te aconchega ao seio !

Ninguém ? Se tens muita fome,
se a noite é fria e sem brilho,
se o remorso te consome,
ergue-te... Serei teu filho !

Não respondes ? pois não crês,
não tens fé na voz amiga ?
Já me não ouves talvez ?
Morreste ! Pobre mendiga !



SOL ENTRE NUVENS

**Entrei ao aposento da miseria,
infecto ergastulo, humido e sombrio.
Através do colmado o norte frio
gelar viera as cinzas do larario.**

**Negra a fome esgotara a escassa fêria;
e vi mulher franzina definhando,
face colada ao rosto miserando
do triste proletario.**

Num recanto da lóbrega morada,
ao fundo desse quadro, em tela escura,
projectava-se um raio de esperança...

É que, a annuncios de proxima alvorada,
ao lado da miseria e da amargura,
sorria uma criança.



UM GRUPO

I

Eu tenho á cabeceira do meu leito, •
não um poema como o heróe antigo,
mas dois retratos que em convivio estreito
conversam alta noite a sós comigo.

Às vezes, quando a insonia me descerra
os palpebras cançadas,
contemplo essas imagens adoradas
de seres que não vejo sobre a terra.

São dois vultos que vivem na memoria
das gerações libertas dos tirannos,
e que só morrerão quando os gusanos
carcomerem as paginas da historia:

Um, chama-se Espartaco; o outro, Bonhomme:
mártires ambos, ambos torturados,
da oppressão entre os braços bronzeados,
da deshonra e da fome.

II

Espartaco sentiu profundo o travo
do fel de escravidão:
tentou um golpe nos grilhões do escravo,
e resvalou exanime no chão.

Caiu vencendo! O sangue da valente
foi para a humanidade
uberrima semente
de luz e liberdade.

Os seculos branqueiam as ossadas
das victimas de Crasso;
mas dentre essas necrópoles caladas
hirto se eleva de Espartaco o braço;

marco erguido nas sombras do passado,
mostra bem alta uma legenda eterna:
— Protesto! — eis o que lê, passando ao lado,
a geração hodierna.

III

Protesto! — é a bandeira levantada
no braço de Bonhomme,
quando elle expande a mágua que o consome,
vendo a sua cabana incendiada;

quando os algozes vis da liberdade
lhe violam a filha estremecida,
e assolam e devastam sua herdade,
e apagam á consorte a luz da vida.

A dôr fez-te gigante !
ergueste a consciencia recalçada,
e caminhaste ávante,
soltando a voz que ainda hoje brada !

IV

Alçai a fronte nobre,
filhos augustos de uma era ingrata;
e possa herdar de vós o escravo e o pobre
a força que aleventa e que resgata.

Aos vossos cinerarios,
cobertos de sarcasmo e esquecimento,
vão hoje em romaria os proletarios,
para adorar o santo monumento ;

e vão os oprimidos,
os párias, os ilotas, o engeitado,
famintos, mal vestidos,
dar-vos o preto que vos foi negado.

E estes romeiros, este povo mixto,
irão salvar do olvido a vossa gloria,
como o Bouillon da historia
foi libertar o tumulto de Christo.

— 100 —

GILBERT NA MISERIA

(MUSICAS AGRESTES)

O genio rasteja e morre,
quando não tem asas de oiro...

GILBERT.

Aguia, que os astros topetas
sem que o mundo te condene,
; não ergueres os poetas
aos mundos de luz perenne!

O genio, que doira a terra,
é perseguido e maldito,
e em mil labirintos erra
à procura do infinito.

Dei luz, e deram-me a noite ;
dei amor, dão-me rancores ;
do mundo o barbaro açoite
retalhou-me a alma de dorés.

Às vezes cantar procuro,
relembrando tempos idos,
e ao céu inclemente e escuro
sobem meus cantos perdidos.

Cantar ! e será um canto
esta voz tão triste e rude
que eu a revêzes levanto
sobre o quebrado alaúde ?

Cantar ! mas quem acharia
um seio compadecido
que respondesse á harmonia
do triste canto perdido ?

Não canto !—esta voz agreste
é aquilão no deserto,
murmúrio de algum cipreste,
gemer de abismo entre-aberto.

Quando a nocturna rajada
açoita e vérga as ramagens,
faz-me lembrar a toada
destes cantares selvagens.

Quando de pé sobre as fragas
vejo o mar enfurecido,
comparo o gemer das vagas
com o meu fundo gemido.

Quando o grito da serpente
as florestas apavora,
traz á ideia a voz plangente
que eu levanto em cada hora.

Quando do pó das quimeras
eu ergo um lamento, um brado,
penso que rugem as feras
em volta de meu colmado.

Meu canto sombrio iguala
voz de passaro agoirento,
ou a tormenta que estala
no seio do firmamento.

Cantar ! e será um canto
esta voz tão triste e rude
que eu a revêzes levanto
sobre o quebrado alaúde?



VISÕES DE UM CRENTE

Gemia o proletario. O anjo da piedade
bateu-lhe um dia á porta, entrou e consolou-o :
leva calor e vida áquella soledade,
expulsa a fome e o frio, e após levanta o voo.

E não voltou ali ! — talvez que os seus afagos
andassem visitando ao longe outra guardida !
E o pobre aguarda em vão : devora a largos tragos
o fel do desalento em vez do pão da vida.

Velava Deus por elle, e Deus do desvalido;
e lança-lhe na mesa o fruto apetecido
que a justiça creára ao sol da consciencia!

Foge a miseria atroz, condenação tremenda;
e nos umbrais da choça abriu-se este legenda:
— É morto o deus do mal; resurge a Providencia!—



SAUDAÇÃO

(À entrada de uma bibliotheca popular)

Eis-nos do sacrario ás portas!

Irrompe a aurora vivaz,
e as sombras dormem atraz
no pó das gerações mortas!

Ao cego quem disse — vê — ?

Quem disse ao povo — caminha — ?

Quem abraça e acarinha
o que não ama nem crê ?

Responde a voz da sciencia,
calando no coração
dos que levantam a mão
aos mundos da intelligencia t

E o sol, que apontando vem,
precursor de um dia novo,
espalha por sobre o povo
toda a luz que em si contém!

E de luz será banhado
o Moisés que há de surgir,
por nos guiar ao porvir,
salvando-nos do passado.

Guerra ás trevas, gloria á luz!
benções ao sol que alumia
o povo que não tem guia,
e a novo eden o conduz!

Ba campá gelada e muda
De Franklin, surge uma voz :
— A ignorancia é teu algoz !
povo, pensa! povo, estuda!—



NA SOMBRA

Quem me diria, ó pallida Dolores,
que os perfumes da tua mocidade
havam de evolar-se como as flores
cortadas pela mão da tempestade ?

Levou-te o gêlo os prístinos viçores,
e um frio tumular teu seio invade ;
desconheces os candidos amores,
não sentes esperança nem saudade.

Choras? ninguém condena as tuas lagrimas,
e eu abenção a lagrima que inunda
a desempenhada flor do tamarindo.

Soffram anáthema pesado e infindo
os que te lançam na voragem funda,
e que passam além, cantando e rindo.



O ESQUECIMENTO

**É pobre e é pai. Abrasa-se na febre,
naquella febre que a miseria ateia.
Caminha triste, e pára ao fim da aldeia,
á porta de um casebre.**

**É negra a frontaria.
Há nos umbrais um ramo de loireiro ;
e os vapores da orgia
lançam cá fóra nauseante cheiro.**

E elle entra (sôfrego). A alegria inunda
as faces sensuais da taberneira,
que, num recanto da locanda immunda,
se sorri prazenteira.

Há umas cartas velhas, encebadas,
ao pé dos cangirões.
São de um canto glaciais risadas,
e de outro... imprecações.

Perto de uma guitarra que inda geme
nas mãos do adormecido tocador,
a candeia de ferro oscilla e treme
pendurada no antigo velador.

Um grupo de caturras temulentos
alguns vintens arrisca,
jogando a velha bisca
no meio dos comparsas sonolentos.

—Logar ao recém-vindo,—diz alguém.
O recém-vindo abeira-se ao balcão,
empunha um cangirão,
e bebe, e diz : — Quero jogar também.—

E jogou. E perdeu.

— Olá, parceiro,
se há fraqueza, dão força estes toneis...
Resta-me algum dinheiro...
Fiquem os dedos, percam-se os aneis.—

E tornou a jogar.

—Tórno a perder,
se esta sota de paus, magrinha e triste,
que parece... talvez minha mulher,
aos azares da sorte não resiste.

E perden, outra vez.

— A sorte é bem cruel ! mas... Cambaleio !...
Venha de lá mais um quartilho cheio.
Quem perdeu duas vezes, perde tres.

Dois tráfios! e este az de oiros é bonito!
 rosado! Faz lembrar
o meu José, aquelle pequenito...
 Vai-me fazer ganhar.

E perdi! E há quem diga, se me afundo
no abismo que se cava ao pé de mim,
que a mulher e a criança são no mundo
anjos da guarda. Historias! Mas enfim... —

E adormeceu na outrela do balcão.
E em ermo albergue a esposa unia ao peito
faminta prole; e, nesse amplexo estreito,
dava em amor o que faltava em pão...

Um dialogo, no emtanto, se derrama
pelo espirito do ebrio sonolento:
— Quem és?

— Um pária.

— Que vês tu?

— A lama.

— Que procuras ahí?

— O esquecimento...

ROMANCE DE UM PROLETARIO

PRIMEIRA PARTE

**Era gentil e moço. A face reflectia
os vagos arreboes do mais sereno dia.
Fronte arqueada e nobre, e coruscante o olhar,
deixava adivinhar
a luz interior, e a chama intensa, viva,
de uma alma grande e altiva!**

Nasceu em pobre berço, e, quando elle nasceu,
a pallida miseria os braços lhe estendeu,
sorrindo carinhosa ao seu dilecto filho,
e abrindo-lhe ao diante o pedregoso trilho.

O filho da miseria o seu caminho olhou,
e recuar tentou :
sentou-se, anno após anno,
à mesa do trabalho em porfiar insano ;
e, quando a madrugada o surpreendia ali,
elle sentia a esp'rança e renascer em si !

Ai, feiticeira esp'rança,
quantas vezes não és um sonho de criança !
quantas vezes não vens abobadar uns céus
por cima de escarcéus,
e, após um só momento, ouve-se um paroxismo
nas trevas de um abismo !

Ludibriou-o a esp'rança ! O pobre sonhador
não encontrava nunca o maternal amor
que a sorte, a plenas mãos, dispensa ao que viera

gosar em berços de oiro a flórea primavera
daquelle paraíso alegre e festival,
onde se sente o bem, e onde se ignora o mal.

Nas sombras daquela alma, oppressa de amargura,
a subitas passou um raio de luz pura,
—relampago fugaz que rompe escuridão,
mostrando, ao que naufraga, a luz, a salvação.

Era a scentelha santa
que os peitos juvenis abrasa, alenta e incanta!
Gilberto olhou os céus, o livro do Senhor,
e viu, em letras de oiro, as sillabas do—amor!

— Quem sabe se esta angústia, (a sós elle dizia),
quem sabe se esta angústia acabará um dia!

Da via-sacra ao fim,
talvez me salve a luz que entornem sobre mim
uns olhos de mulher, sublimes, redentores,
olhos que abrem o céu, olhos que apagam dores!—

Na mente lhe esvoaçou esplendida visão,
que, abrindo o céu azul, vinha estender-lhe a mão.
E, acreditando ouvir o fremito suave
que deixam no arvoredos as asas de alguma ave,
 olhou em derredor
e viu a mulher-anjo, o braço salvador !

Olimpia era formosa, e triste, e sonhadora ;
choravam-lhe na voz os sons de uma *dolore*
do vate castelhano ; em seu celeste olhar
revelava o condão de um anjo tutelar ;
e, no sereno rosto e tristemente vago,
fazia recordar a limpidez de um lago,
que espelha cristallino o pallido clarão
de branda lua cheia em noites de verão.

Nos cílios de setim pendiam-lhe constantes
pingentes de cristal e perolas brilhantes ;
era um collar partido : os fios de setim,
lançavam cada bago em conchas de marfim.

Gilberto era poeta ; e, ao ver a estranha diva,
curvou por um momento a fronte pensativa
e tímido enviou á apparição gentil
os ecos mais fieis do seu sonhar febril :

I

— «A mágoa te humedece
as setinosas faces !
Talvez que não chorasses,
se eu consolar pudesse...

Mas curve a minha prece ;
se em erma sepultura
quizeres, alma pura,
spargir saudosas flores ;

se na solidão bendita,
onde a tristeza habita,
chorar sósinho fôres :

procura um seio amigo,
— chama-me, e irei contigo
chorar as tuas dores.

II

Como esmaiada lampada
que, em solitaria egreja,
afroixa á mingua de óleo,
e trémula vasqueja :

tua alma,—luz que admiro,—
batida pelo vento,
esvai-se num suspiro,
junto a feral moimento !

E, quando absorto penso
que a mesma noite enluta
os mesmos corações,

minha alma a tua escuta,
e eleva-se no incenso
das tuas orações !

III

Mal esmorece o dia,
a dor teu seio invade,
e embala-té a poesia
nos braços da saudade.

Nessas visões nocturnas,
não vês a sombra amiga
que ás lagrimas diurnas
o travo te mitiga ?

Sou eu, que espero supplice
a luz que não lobrigo
nas trevas de quem chora !

Sequem-se enfim as lágrimas!
acorda, e vem comigo,
que já desponta a aurora! —

SEGUNDA PARTE

Olympia ouviu os cantos
onde transparecia o brilho de seus prantos.
Sentou-se ao pé do triste, e abriu-lhe num sorriso
as portas do porvir.

O amor choveu a flux no seio aventureado
do par o mais amado,
do par, que por feliz, e muito amar e crer,
não era mais que um ser.

Sorriu a primavera ás almas namoradas;
e, a cada repontar de róseas alvoradas,
saudava a luz Gilberto a recuperar feliz
seus extases de amor em cantos juvenis.

Sua alma diffundiú nas paginas brilhantes
de um livro que ao depois, em horas lancinantes,
arremessou ao fogo. Algumas que eu rehi
resurgirão do olvido e ficarão aqui :

— «Pallidas rosas do outono,
que no meu seio abrigtei,
a luz que vos sobredoira
é luz de abril,— revivei !

Estaveis murchas,— erguei-vos
estaveis tristes,— sorri :
o vento que prostra e gela
não voltará por aqui.

As infundadas pradarias
que a vista agora me alcança,
antegostei os aromas
no florear da esperança !

Esperança!—força occulta
que faz mártires e heróes,
e dá fórma e vida aos sonhos
que tu, mundo, nos destroes!

Esperança!—eu confiei-me
ao teu magico poder,
pois que nos lances extremos
só tu nos sabes valer.

Eu te bemdigo! de um éden
tu me foste a antemanhan,
sem cortejo de quimeras,
das quais, dizem, és irman!

Não me illudiste!—a existência
não se cifra em illusões:
eu sei que há verdade e vida
quando pulsam corações!

Brotaram fios de prata
das rochas que o sol queimou;
e a gandra, inculta e deserta,
de rosas se tapetou!

Hosannah!— cantam os astros
com sublime e estranha voz!—
hosannah!— cantam as aves;—
hosannah!— cantemos nós!—

H .

Eu tive um sonho,—um sonho bello e triste,
como o sorrir do arcanjo da piedade.
Fazem scismar os sonhos; e quem há-de
quebrar o incanto que num sonho existe?

No vértice elevado
de ásperas penedias
erguia-se uma cruz, e nella um mártir ;
e agoirenta pairava em céu nublado
a sombra das extremas agonias.

Ondas fagueiras de propicia luz,
despenhadas em lucido caudal
de um rosto mago, ethéreo, divinal,
ungiam de piedade aquella cruz.

Uns labios rubros, doces, ciciavam
as sillabas do amor,
e do mártir nas lagrimas coavam
beijo consolador.

E umas asas subtis, alvinitentes,
irmans daquellas asas fantasiadas
de arcangelicos entes,
a cruz e o mártir resguardavam do impeto
das nocturnas rajadas.

Nos olhos, a um só tempo, tinha o mártir
lagrimas de alegria e de amargura :
seu martírio era o enlace misterioso
da dor com a ventura.

Tinha auréola de espinhos, que lembrava
o diadema do pallido Jesus ;
mas aquelle martírio deliciava
o coração do mártir,—podes crer, —
que os braços dessa cruz
eram,—vê lá!—uns braços de mulher.

Desperta-me o chido da andorinha ;
as confusas ideias recomponho
e vejo enfim que o sonho... não foi sonho :
—Aquelle rosto mago e radiante
era a face gentil que me acarinha ;
aquelle beijo um osculo de amante,
o meu calvario aquellas rochas nuas ;
aquella cruz suavissima era a minha,
e aquellas asas de anjo... eram as tuas !

III

Lucida imagem, levanta-te
em meio do meu deserto:
dá-me que eu veja de perto
o que era ideal sómente!
quero, á sombra destes álamos,
e aos bafejos desta aragem,
contemprar-te, doce imagem,
no teu solio resplendente!

Tu sabes como é profundo
o culto que eu sei render,
porque o anjo da poesia,
que a mente inflamma e enebria,
fala só de amar e crer!

E eu, que senti arrancarem-me
as crenças do coração,
e disse um adeus á fé

núm grito de maldicção,
renasço das minhas cinzas,
e posso erguer-me de pé.

Crocitem á noite embora
negras aves agoirentas ;
estallejem as tormentas,
toldando o céu que me abriste :
hei de saudar esta aurora
que me inunda de esplendores,
hei de c'roar-te de flores,
hei de deixar de ser triste !

O que será o porvir,
o que serás ámanhan,
não sei ! mas vês-me seguir
as rôtas alumiadas
da aurora que é tua irman !

Jogue-se embora o futuro !
que importa o que não existe ?

Se o teu amparo me assiste,
tem fé que eu marcho seguro
empós daquelle eldorado
que há tanto em sonhos procuro!

Quero esquecer-me de tudo
para lembrar-me de ti,
para falarmos a sós!
o meu passado é já mudo!
o futuro... não tem voz!
o meu presente... sorri!

Sorri, como o leve bando
daquellas fadas gentís
que andam ás vezes pairando
no azul de um sonho feliz!

IV

Eu nunca chamei vida ao triste inverno
que embranquece o cabelo á juventude:
não se vive encostado a um ataúde,
inda que, á luz de abril, floreje o adérno!

Não é vida — sonhar, e andar seguindo
a vereda indistinta de um deserto,
se nos atrái o lampejar incerto
de um astro que na mente vem surgindo!

Não é vida o lidar que nos opprime
no encalço de uma gloria fugitiva:
pouco vale da gloria a luz esquiva
perante a luz do teu amor sublime!

A vida é este amor que vem raiando
por trás da cerração, vencendo as trevas;
a vida é este céu a que me elevas,
e os estrados de flores em que eu ando!

..

é despertar de um sonho matutino,
ver ali perto o que era sonho apenas,
e aspirar o perfume das verbenas
no perfume de um seio alabastrino !

A vida é divagar, junto ao sol-posto,
dos bosquetes por entre a melania,
dos labios teus ouvir a melodia,
e coroar de beijos o teu rosto !

A minha vida és tu, alma incendiada !
chamma ethérea que o vento não apaga !
estrella que de luz meu seio alaga !
astro dos astros ! sol da minha vida !

V

Levanta-te ! A alvorada
desponta alegremente !
o rio é transparente ;
a margem, perfumada !

Oiçamos a linguagem
da íntima ventura,
e apreste-se a romagem
aos templos da espessura !

A verde trepadeira
aos templos fecha o cume !
exhala-se um perfume
de flôr de laranjeira ;

o vasto pavimento
é todo de esmeralda !
a cada lado o vento
baloiça uma grinalda !

adejam os amores
entre as folhudas naves ;
cantam em côro as aves ;
erguem incenso as flores !

e as trémulas virgultas
do sinceiral frondente
inclinam-se, às occultas,
no seio da corrente...

Vamos. A primavera
vem pompeando galas,
chove rubis e opálas,
inflora-nos Cithera!

Levanta-te! A alvorada
é bella, resplendente!
a margem, perfumada;
o rio, transparente!

e pela ondeante margem
revôam indecisos
genios de amor que espargem
arômas e sorrisos!

Sigámo!-os! Quem há-de
furtar o seio ás chammas,
que pródiga derramas,
eterna claridade?

VI

Esplenda o céu e a terra! a tua vista abranja
tudo o que a primavera agora nos offerta,
que a alegre cotovia os loireirais desperta,
e o sol ao manto azul tece doirada franja!

A noite ia cerrada, e as lampadas celestes
scismavam no seu ermo, involtas em negrumes;
mas tu, que nesse olhar a luz do céu resumes,
disseste ao dia: —surge! —e o dia assomou prestes!

Misterioso ser que passas deslambrente
como um lampejo ethéreo em alma de poeta,
fascina-me essa luz que se diffunde inquieta
desde o occidente extremo ás orlas do levante!

Atiro a vista ao longe, e ao longe não diviso
nem uma sombra já das sombras que rasgaras :
torrentes de esplendor, arroios e niagaras
inundam de cristais meu térreo paraíso !

Quando a alvorada vem, ao som de alegres himnos
pérolas engastar na trémula ramagem,
em fremitos acorda o buliçosa aragem
e agita, á luz do sol, pingentes argentinos !

Quando as réstias do sol devassam os segredos
dos murmuros moitais que o vento balanceia,
julgo que fios são de uma doirada teia
quo a mão de ignota fada urdiu nos arvoredos.

E quando o astro-rei esparge radiante
paveias de fulgor, que incendem o horizonte,
á sombra dos faiais inclino a minha fronte,
de uns braços entre o alvor, em o teu seio amante !

Ah! se não foras tu, imagem que te elevas
no altar que te consagro e a primavera inflora,
triste e sem luz seria o sol que esplende agora,
e eu viveria ainda imerso em fundas trevas.

Toda banhada em luz,—visão do Apocalipse,—
deslumbras, como o sol, os olhos do vidente!
Que a tua luz inflamme o coração do crente,
e, no meu céu azul, jámais o sol se eclipse!

TERCEIRA PARTE

Leu este livro Olimpia; e quem reler não há-de
o poema gentil da alegre mocidade?
e quem não há de amal-o, amal-o com fervor,
se elle brotou á luz do nosso proprio amor?
Releu e decorou essas canções floridas;
punha-se a meditar, por horas esquecidas,
ao fim de cada folha; e, quando todas leu,
na folha derradeira, á margem, escreveu:

—Li o teu livro posta,
e ainda se me affigura
que nos ouvidos me soam
os teus cantos de ventura ;

Li o teu livro, e instillou-me
no seio tanta doçura
como o suspiro que uma ave
desprendeu entre a espessura ;

como súplica de virgem
que de pranto inunda o rosto,
quando as trindades lhe enviam
os adeuses do sol-posto ;

como as árias mais sentidas
que o pegureiro há composto,
por ensinal-as aos montes,
nos crepusculos de agosto ;

como a voz plangente e meiga
do órgão do santuário ;
como o brando marmurinho
de um arroio solitário;

como a tardinha as toadas
de longinquo campanário ;
como a aragem que cicla
beijando a flor o nectário.

Deixa-me ver o salterio
donde irrompe tal poesia :
quero alar-me a esses mundos
que me sonha a fantasia.

Nas regiões, onde pairas,
sereno desliza o dia,
e a terra é-me estancia ingrata,
ermo, lodosa e sombria.

Gilberto era feliz; e tanto, que julgou
não ser talvez real o sol que dissipou
a sua noite d'alma, escura, triste, fria.

E despertou um dia,
sentindo sobre o peito a dúvida fatal
que innoita, fere e opprime o que há de mais real

Era uma sombra atroz que lhe esmagava o peito.
Tentou erguer-se ainda e recaiu no leito.
À frente esbraseada a mão approximou,
e a febre lh'a esaldou.

Estava inferno e triste o moço proletario.
Gemia-lhe no seio um dobre funerario,
fatidico, presago, esmagador, cruel,
e os labios lhe travava um calice de fel.

Entrou-lhe ao aposento a doce creatura
que fôra para elle o iris da ventura;
—Que dor te opprime assim?
(interrogou Olimpia); acaso ao pé de mim

não sentes a alegria, entre ~~sombada~~ outrora?
que mágua te domina e as faces te descora?—

Gilberto olhou-a triste, e a custo ergueu a voz:
— Eu sinto sobre mim um pesadelo atroz,
uma nefasta sombra, um um lémure das trevas,
que para nós estende enormes garras sevas,
e nos separa...

—O quê!

—Que nos separa, sim! Se não, escuta e vê:
Eu sou... um proletario, e tu... uma condessa;
eu... rojo-me no pó, tu... ergues a cabeça,
arrastando setins no estrado dos salões,
por entre mil cristais e luzes e festões.
Deslumbram-te na valsa argenteadas serpentinas;
e, quando de Mozart as musicas divinas
afroixam no piano, ouves attenta a voz
de algum marquez que herdara um dom de bisavós.
Eu não me rio, Olimpia! esmaga-me a verdade
com uma desmedida e estranha crueldade.
Como renunciarás áquella pompa van

que o berço te embalou? quem sabe se amanha
o pejo afoguesará teu rosto de amaranto,
se virem que te adoro, e os olhos alevanto

à luz que vem dos teus?

— Oh! cala-te, por Deus!

A dor que ta lanceia
é um fantasma vão, uma fallaz ideia,
um sonho aterrador,
mas sonho que se apaga á luz do nosso amor.
Pois quê! havias tu, dessa alma dolorida
lançar a indignação empós de fementida

que o abismo te cavou?

Ignoras quem eu sou!

Frágil mulher embora, alenta-me o coragem
se passo no cairel da rutila voragem
onde serpeia a luz em vagos turbilhões,
onde ha prazer e festa e oiro e seducções.

Eu oiço o que me dizes,
e nunca ouvi attenta os grandes e os felizes.
A nuvem côr de rosa abeira-se aos paúes,
e volta immaculada aos páramos azues;

eu sou como a neblina;—
perpasso no marnel que o mundo contamina,
sem lá deixar cair as perolas gentis
que esmaltam a innocencia em peitos juvenis.
És pobre ? és só ? que importa ? eu amo os teus carinhos,
e deixo em paz agora os tristes pergaminhos,
mais pobres que uma folha onde haja versos teus.
Se hipocritas sem honra e austeros fariseus
sorrirem da condessa unida a um proletario,
pergunta ao titular, pergunta ao argentario,
qual dura e vale mais,
se as pompas que se esvãõ, se os genios immortais !

—Bem hajas tu, mulher, que no meu seio inferno
lançando paz e luz, povóas o meu ermo
de crenças, de esperanza e lucidas visões ;
só tu me recompões,
á beira do meu leito, os magicos idilios,
em que floreja o amor á sombra dos teus cilios !

Assomaste ao limiar
do aposento triste e ermo ;
viste o meu leito de inferno,
e vieste-te inclinar
sôbre a minha travesseira,
murmurando-me baixinho :
— sou eu, a tua enfermeira! —

E eis-te aqui ao pé de mim,
comprimindo carinhosa
minhas mãos febricitantes
contra o teu seio! até gosa
quem, soffrendo, é tão amado!
Sinto-me também assim,
que, nestes doces instantes
em que te vejo ao meu lado,
tenho quasi acreditado
que o amor aprendeu e ensina
milagrosa medicina!

Padeces, porque padeço ;

e, se alguma dor me abala,
se a revêzes entristeço,
interrogas-me co'a vista,
com o gesto, com a fala,
e parece que darias
tudo, tudo, se poderas
restituir-me alegrias
de passadas primaveras.

Esperemos! Não de vir
as auroras que entre-sonhas:
pelas campinas risonhas
não de as verbenas florir,
quando pisarmos felizes
os estrados que abril cobre
de variegados matizes!

Amemos, sim, e esperemos;
mas dá hoje que eu bendiga
estas devoções e extremos,
ó minha piedosa amiga!

Tu és-me tão carinhosa,
soffres tanto as minhas dores,
revelas-me com tais côres
o amor que te prende aqui,
que, se minha mãe te visse
tratar-me com tanto affecto,
ella — mãe — talvez sentisse,
quem sabe ? ciumes de ti !

„Tu sabes o que é — ser mãe
e ver no leito da dôr
o filho que ella estremeça ?
e quanto vale e contém
o sacramento desse amor ?
e como é ardente a prece
que ao céu lagrimosa envia
pelo filho na agonia ?

Eu sei : já vi minha mãe,
joelhada ao pé do meu leito,
erguer uma prece, um voto,

do mais íntimo do peito
Aquella que, das alturas,
dominando a immensidade,
cobre as débeis creaturas
com seu manto de piedade!

Pois todo o extremado affecto
que um materno seio tem,
todo o amor que se revela
numa lagrima de mãe,
tudo o que é grande, sublime,
adoravel, meigo e santo,
tudo aos meus olhos se exprime
nos assomos do teu pranto,
nos teus afagos tão doces,
na tua voz tão fagueira,
no teu desvelo e cuidado,
minha adorada enfermeira.

Espalha assim essas tranças
nesta face esbraseada,

emquanto a vista adorada
na minha vista descanças!

Prestas-me tão grato abrigo
com teu cabelo, enfermeira,
que se cifram meus anhelos
em passar a vida inteira
à sombra destes cabelos! —

QUARTA PARTE

Na fronte de Gilberto, a irradiar amor,
caiu, após a canto, um beijo inspirador.
Cingia a vaga luz da vítrea lamparina
a loira trança solta e a face columbina
daquelle anjo custodio,—Olimpia,—que na mão
tomava a mão do amante, erguendo-a ao coração.

Era a expressão sublime
daquillo que jamais a lingua humana exprime.
Em languida mudez, o tempo se evolou,
e um cantico de paz Gilberto levantou :

I

— Eis-te liberta enfim do torvelinho indomito
que agita e envolve e impelle a multidão que passa :
não nos surprehende aqui nenhum olhar malevolo,
não nos perturba aqui o vozear da praça.

II

Reina o silencio e o amor ! dir-se-ia que esta lâmpada
de luz suave inunda um templo em que te adoro ;
idólatra do bello, extatico ante um idolo,
em teu piedoso olhar o meu olhar demoro !

III

A sós com este amor que se desata em jubilos,
podes afagos dar-me, e compensar-t'os posso!
podemos olvidar o mundo ignaro e cinico,
creando agora um mundo, um mundo todo nosso!

IV

Animo, pois, e fé! — a vida não é lagrima
que mana eternamente e o coração traspassa:
pode fugir-se um dia ao torvelinho indomito
que agita e envolve e impelle a multidão que passa! —

EPILOGO

Veio a convalescença, o halito da vida,
Gilberto contemplava a onda adormecida,
sentado á beira-mar.
Das bandas do nascente erguia-se o luar,
beijando docemente
os tremulos cristais do oceano transparente.

E Olimpia disse então :

— Oh como será doce errar na vastidão
das aguas argentadas,
quando o luar deixou alpestras cumiadas,
e estira alvos lençoes por esse mar além !
Gilberto ! eis uma barca ! É tão formosa ! Vem !—

E a barca deslisou nas ondas murmurantes,
levando os dois amantes.
tremeluzia o céu,
de opalas constellando um anilado véu ;
e a esteira luminosa
ia seguindo sempre a barca remansosa.

As réstias do luar
vinham coser-se então com a nudez do mar ;
e como que se ouvia, em extases de goso,
da onda e do luar o beijo langoroso.

E a barca ia singrando. E o vate, remador,
soltava, donde em onde, umas canções de amor :

I

—Tu, que os abismos de minha alma sondas,
medita, escuta e vê !
vê o céu que se arqueia ! escuta as ondas !
Eis duas biblias ! lê !

II

¿Porque serei feliz, longe do mundo,
oh luz do meu amor,
vagueando sobre este mar profundo,
dos ventos ao sabor ?

III

Eu sei : é que, ao erguer meu vago adejo
aos páramos sem fim,
posso escutar-te a voz, e sinto e vejo
que estás ao pé de mim !

IV

Eu sei : é que os meus olhos, divagando
por esse azul dos céus,
de momento a momento vão poisando
no azul dos olhos teus.—

Quando o suave arpejo as vagas repetiram,
cançados de remar, os remos se partiram.

Olimpia estremeceu,
e os braços estendeu
aos braços de Gilberto.

—Não tremes? (lhe disse ella) ; eu vejo o abismo aberto !
Como remar agora, e a praia demandar,
sem remos, no alto mar?

—Não tremas (respondeu); e firmes esperemos
que passem junto a nós os salvadores remos
de alguma estranha barca... O mar é brando e chão,
não tremas, desafoga o triste coração.—

E, para desviar temores agoirentos,
Gilberto improvisava uns languidos accentos,
suave barcarola, ou antes voz final
de um cisne moribundo em ondas de cristal:

—Bem-vinda a noite, bem-vinda!
bem-vinda a luz do luar!
espelhe os astros a onda!
suspire a brisa do mar!

baloiçe a barca entre espumas!
azuleje o céu e o mar!
dasate-se a lua cheia
em cortinas de luar!

e sonhemos, acórdados,
à branda luz do luar,
esquecendo-nos da terra,
tendo à vista o céu e o mar!

Ao largo! não tenhas medo
das vastas soidões do mar:
grato é o ermo em que se estiram
os raios deste luar!

Quando na asa da tormenta
nós fuja a luz do luar,
quando o vento encrespe e agite
a face lisa do mar,

que importam ventos e ondas?
que importa morrer no mar,
se nos embalam amores
à branda luz do luar?—

Ao doce esmorecer da nota derradeira,
Olimpia reclinava a fronte feiticeira
no seio de marfim;
e parecia, assim,
que estava dormitando em leito de alvas rosas,
absorta no vaivem das aguas rumorosas.

Curvou-se, fascinado, o amante, e com fervor
os labios lhe collou ao rosto seductor,
e adormeceu tambem... O mar embrevecia;

aspera ventania
começava a agitar
a barca, a onda, o mar.
Mais um momento, e... nada!
a lua prateada

saudosa contemplava o turbilhão fatal
do abismo transformado em leito nupcial...



LOUVERTURE E BONAPARTE

(Nas prisões do forte de Joux)

Nas tristes solidões do monte Jura,
que a fronte cinge de glacial diadema,
vagam os sons perdidos de um poema
e os ecos froixos de uma historia obscura.

Estrondeava além a artilheria
que abalava a granito das Pirâmides;
pasmava o mundo; a Europa estremecia;
e o fumo que das hostes irrompia
dos Alpes ensombrava as niveas chlâmides!

Passava sobre a terra o enorme gladio
que, medindo o universo, a cada estádio,
partia um sceptro, levantava um throno,
e tentava evocar do eterno sono
as aguias que no tumulto de Arcadio
tinham buscado o extremo paradeiro,
cançadas de correr o mundo inteiro !

Nas tristes solidões do monte Jura,
num recesso de lóbrega enxovia,
um mártir longas horas consumia,
victimado aos caprichos da ventura.

Nascera escravo ao pé de irmãos escravos;
no berço o illuminara o sol da America;
e incantaram-no, bravo entre os mais bravos,
as seducções de uma conquista homérica.

Elle vira opprimidos seus irmãos,
nas terras onde a pobre liberdade
esmorecia nas feridas mãos

dos que albergavam odio e crueldade
no manto de francezes e christãos.

Dentro da sua patria era estrangeiro ;
seu berço, um patrimonio de invasores ;
e os brancos eram surdos aos clamores
da negra escravidão que succumbia,
lançada pelo braço do negreiro
do alto de infamante gemonia.

E nas faces crestadas resentira
a indignação que os fracos robustece;
e dos roxeados pés erguera a mira
ao sol que os horisontes esclarece.

O escravo tornou-se homem. A verdade
mostrou-lhe a lama do aviltante ecúleo,
e a salvadora mão da liberdade
ungiu-lhe o peito e armou-lhe o braço hercúleo.

O estrênuo heróe lutou, arca por arca,

mas no relógio, que os destinos marca,
não havido soado a hora extrema
do imperio atroz do látigo e da algema.

Venceu-o a França. O negro Louverture
dobrou o collo ante o poder dos brancos,
rolou ainda no cairel do abismo,
e viu feita pedaços a Secure
que resvalara pelos nêdios flancos
da féra consular do despotismo...

Chamaram-lhe traidor; e, após um dia,
roubavam-lhe a familia, a patria, tudo;
e o desditoso heróe esmorecia
num recesso, como elle triste e mudo,
num recesso de lôbrega enxovia.

Em uma noite, (a noite não findava
na gélida mansão do prisioneiro!)
quando o nobre cativo contemplava
as álgidas visões do cativo,

às portas do seu carcere assomava,
estranho vulto, audaz e sobranceiro.

E entrou.

— Quem és ? — interrogou altivo
o bravo Louverture, erguendo a fronte.

— Bonaparte.

— Nos gelos deste monte
a quem procuras tu ?

— Ao meu cativo.

Tu eras um valente, Louverture ;
eu estimo os valentes e infelizes...
procuro vel-os... e há quem assegure
que os valentes me prezam... Tu que dizes ?
— Nada !

— Bem sei : a voz é-te opprimida
pela consciencia da traição infame...
Quem quer que contra mim horrores trame,
nas minhas mãos depositou a vida...

— Insultas um escravo, Bonaparte ;

e sabes quanto vale quem o insulta ?
vale menos do que elle em toda a parte,
porque um escravo ainda pôde dar-te
o dó, a trôco de uma offensa inulta...

— Porque te irritas, negro ? a ira tua
não curva o semi-deus : á claridade,
que precede o ribombo do trovão,
tenho desafiado a tempestade,
e a tempestade, trémula, recua,
se eu lhe respondo em vozes de canhão...

Sou maior do que tu : seguro o leme
do galeão alteroso do presentê ;
alevanto o meu braço omnipotente,
e, sem tremer, digo á Europa : treme !

— E eu vejo-te pequeno, Bonaparte ;
és feliz, e guerreiro : nada mais !
a mão, que os sceptros e as nações reparte,
deixa em teu rasto maldições e ais.

..

- Sobes alto num solio de esqueletos
que descarnas, vampiro, em tuas mãos ;
e eu quiz salvar os reprobos, os pretos,
salvar o berço de meus pais e irmãos.

Tu, não salvas ninguém ! a tua espada,
ígneo rasoira, flammejante passa
ceifando a vida aos filhos da desgraça,
correndo o mundo, torva, ensanguentada.

És grande pois? triste grandeza a tua !
A verdade que, tímida, fluctua
ao longe, em céus distantes, há de um dia
poisar serena e olimpica entre o bando
dos teus adutores, fulminando
num golpe o semi-deus e a idolatria....
E, ao esplendor de rápida favilla,
verão que o teu colosso era.... de argilla !—

Disse, e ficaram em silencio os dois.
Bonaparte saiu. Annos depois,

o mundo absorto, extático, saudava
do moderno Alexandre o poderio;
e o negro, a insonte victima, expirava
no seu cárcere escuro, á fome e ao frio.



•
DIVA

Sublime creatura,
há seculos gerada,
de tantos adorada,
e cada vez mais pura ;

mais bella que a verdade
nos labios do vidente ;
véspero resplendente
de santa claridade ;

pérولا desprendida
do seio do infinito;
estrella do proscrito,
eterna foragida:

quero oscular piedoso
a fimbria do teu manto
banhado pelo pranto
do pária desditoso.

Adoro-te, rainha,
mais que rainha, diva:
do teu olhar deriva
a luz que me encaminha.

A tua voz é doce,
consóla como o dia
que as sombras da enxovia
rasgar acaso fosse.

Casta visão ethérea,
os d'spotas esmagas,
e carinhosa afagas
os filhos da miseria.

O teu olhar sereno
os thronos incendeia,
o grande te receia,
e busca-te o pequeno.

Fatal como a sibilla,
incorrupçível, forte,
não perdes o teu norte,
teu braço não vacilla.

No mundo que percorres
tudo esmorece e finda;
mas tu marchas ainda,
mas, diva, tu não morres.

Na senda que trilhaste,
os seculos ~~passaram~~ ;
mas elles se curvaram,
e tu além passaste.

Às vezes perseguida
dos impios e descrentes,
no seio dos videntes
foste buscar guarida.

Socrates hospedou-te
no íntimo santuario,
e um grande visionario,
Platão, enthronisou-te.

Divinisou-te o Christo
no alto da montanha,
erguendo-te em peanha
de brilho nunca visto.

Dos césares romanos
os circos arrasaste,
e os Gracchos levantaste
em face dos tirannos.

Quando a oppressão e a insania
fêlgavam no occidente,
viram-te á sua frente
as hostes da Germania.

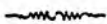
Em lagrimas perennes
reviste a tua imagem,
enchendo de coragem
os Jacques e os Étiennes.

Na convulsão potente
que revolveu a França,
foste iris de bonança
ás portas do presente ;

e ás portas do futuro,
fixando o olhar no espaço,
abres-nos com teu passo
o trâmite seguro.

Adoro-te, rainha,
mais que rainha, diva:
do teu olhar deriva
a luz que me encaminha.

Teu halito enfeitiça,
qual perfumada essencia...
És filha da consciencia,
e chamas-te... JUSTIÇA.



AOS HIPOCRITAS

(Parafrase evangelica).

E prégava Jesus aos seus discipulos :
— Sentaram-se na cáthedra moisaica
os miseros hipocritas
da turba farisaica.

As illudidas multidões aggregam,
e, com palavras sans, as edificam :
recebei a verdade que elles pregam,
mas não o que praticam.

Fardos impõem aos hombros de seus servos,
dos famintos, dos simples, dos pequenos;
porém nunca sobraçam os protervos
um fardo, o mais somenos.

Alardeiam sciencia e piedade,
e ostentam-se vaidosos,
arrastando nas ruas da cidade
a fimbria dos vestidos preciosos.

E rindo aceitam reverencias públicas ;
recamam de oiro e pérolas as togas;
amam a ceia lauta, e refestelam-se
no primeiro logar das sinagogas.

Vós que me ouvís, ó turbas e discipulos,
tomai diverso trilho :
o que se humilha exalta-se,
e aquelle, que se exalta, é quem se humilha.

Mas ai dos fariseus, raça de viboras !
que andam pulindo o exterior da taça,
e deixam dentro a iniquidade e o vicio
que o coração traspassa.

Não sentem fome, não se expõem ás chuvas,
e dominam os frágeis corações,
devorando o alimento das viuvass
a trôco de orações.

Imita o seu espirito fallaz
as tumulares pedras branqueadas :
um tumulto formoso á vista appraz,
mas tem no seio podridão e ossadas.—




DO CÉU Á TERRA

Tu eras pobre, sim, mas tão formosa !
teus prantos eram joias que brilhavam
aos olhos do Senhor, que te inundavam
de luz e amor as faces côr de rosa.

Hoje, és feliz, se o é quem tanto gosa :
as miserias e a dor que te lanceavam,
no tempo que passou, já se não cravam
em teu seio gentil ; mas... desditosa !

abandonou-te a mão da Providencia ;
fechas o peito aos raios da esperanza ;
abraças as mentiras da existencia ;

sorris, beijando a mão que te destrança
as rosas perfumadas da innocencia,
e o teu sorrir faz-me chorar, criança !



MURMÚRIOS NA CASERNA

— Que horas serão, camarada ?

— Meia noite, pouco mais.

— Se já rompesse a alvorada...

— Porquê ?

— Não se dorme nada
nestas enxérgas fatais.

Deita-se a gente com fome,
enrola-se nesta manta,
e, antes que o sono nos tome,
vem o cuidado, que espanta
quanto sono possa haver.

— A bem dizer, o bocado
não é lá de appetecer.
Mas que queres? o soldado,
quando sabe obedecer,
dizem que tem o bastante,
porque lhe basta o dever
e as ordens do commandante.

— Isso é velha ladainha
de bonecos galoados.
Servir o rei e a rainha
será dever de soldados;
mas, homem, eu tenho lido
ahí por essas gazetas
que isto de reis são muletas
de um sistema entorpecido.

Demais, não comprehendendo bem
que eu tenha um dever estreito,
e a final de contas ninguem
me reconheça um direito.

Lá fóra, em alguns paízes,
de outra fóрма as coisas são :
o cidadão é soldado,
e o soldado é cidadão.

Isso sim, que é acertado ;
mas ver-se um homem no campo
amanhando as suas leiras,
livre, feliz, socegado,
enxugando com cuidado
as lagrimas derradeiras
de alguma extremosa mãe ;
e chegar-se a nós alguém,
dizendo : «Em nome da lei,
larga a enxada, a tua herdade,
o prazer, a liberdade,
e passa a servir el-rei» ;
palavra de honra, eu não sei
se os bois a que eu punha o jugo
são mais livres, mais ditosos
que os batalhões numerosos
de que o Estado é verdugo !

Se não, dize-me tu lá
como te chamam ?

— Tens graça !

eu era Antonio, mas cá,
depois que eu assentei praça,
de Antonio que me chamava
fiquei o *Nove da oitava*.

— Ahí tens ! os meus bois, ao menos,
mais regalias logravam :
uns, *Cabanos*, se chamavam ;
chamavam-se outros, *Morenos*.
Tu, depois de te roubarem
ao seio de tua mãe,
e depois de te peiarem
em nome do patriotismo,
roubam-te o nome também
e chamam-te... um algarismo.

— Tu falas bem, *Vinte e um* ;
mas se o *Quatorze da quinta*
ouvisse agora o que eu oiço,

aquella rez de má pinta,
espião como nenhum,
levava-te ao calaboiço...
Ainda hontem o *Trinta*,
só por queixar-se ao sargento
de que, ha não sei quantos dias,
lhe davam pão bolorento,
lá foi para as enxovias;
e o sargento das escolas,
todo pimpão, todo ancho,
farejou as caçarolas
e achou magnifico o *rancho*.


— Coitado de quem não mostra
quatro *devisas* no braço:
é trazer sempre o baraço
atado ao nó do pescoço.
Se o desespero nos prostra
na trabalhada carreira,
lançam-nos a gargalheira
como se lança a um molosso!

Ninguém pensa em fazer guerra,
podre de paz, tudo cai;
e no entanto a gente vai
percorrendo toda a terra,
sôbre espinhos e entre dores,
como em cata de invasores
que estejam batendo á porta
de alguma cidade morta.

E no entanto, as nossas varzêas
vão ficando sem cultura:
crescem arbustos daninhos,
os escalrachos e espinhos,
onde o trigo com fartura
dava trabalho aos moinhos.
Calam-se enfim as azenhas,
cerra as portas o moleiro,
e fazem teia as aranhas
na parede do celeiro.
E quanto mais cresce a fome,
mais o govêrno consome

com decimas e tributos
os pobres, minguados frutos
de fadigas impotentes :
arranca ao povo a camisa ;
e porque não ? se precisa
de *exercitos permanentes !...*

(*Nota.*— Consta-nos agora
que o palrador *Vinte e um*,
apenas rompeu a aurora,
foi pelo general Boúm
metido em dura prisão :
tinham-lhe ouvido a palestra,
e fôra denunciado
como indócil e implicado
em negra conspiração).—



PEDRO BONAPARTE

(Commentarios a um processo contemporâneo).

Embalaram-me o berço alegres cantos
de justiça, de amor e liberdade;
e vi grandezas fátuas consumidas
nas rubras linguas de voraz incendio!

Era tudo mentira, tudo um sonho:
chegaste, heróe, e o sonho dissipou-se!
quando eu via a justiça erguer-se altiva,
a justiça curvou-se, e tu passaste...

Oh, salvè, heróe pigmeu ! Quem poderia,
senão tu, levantar o braço ousado
contra o que é grande, contra o que é eterno ?
Tres vezes salvè, assombro de vindoiros !

Sorrís, e tens razão ! — o rato ignóbil
do velho fabulista já folgava
sobre o leão dormente... Musaranho,
folga tambem, porque a justiça dorme !

Mas se ella despertar ? se a tua espada
cair perante o lampejar da ideia ?
se o palacio de Auteuil, theatro esplendido,
se transformar em templo da justiça ?

Aspirações ingênuas de criança ;
miragens da inexperta juventude !
Que te importam loucuras tão sublimes ?
que vale a aspiração dos opprimidos ?

Se vires que a rasoira da igualdade
quer transpor os teus porticos suberbos,
oppõe-lhe os teus brasões! nada mais forte
que o elmo e escudo em pedra ou pergaminho...

Se algum filho do povo, em teus atalhos,
de noite acender luz, foge ou apaga-a!
não queiras que o villão sirva de guia
a quem sente nas veias régio sangue!

Se algum evangelista da igualdade
dissér que é homem, e que tu és homem,
morra o infame! que vale um pobre Victor
diante deste nome — Bonaparte?

Não penses no futuro, olha o passado
e vê se no presente o resuscitas!
zomba dos fracos, musaranho corso
e folga emtôrno do leão dormente!..

ULTIMOS ADEUSES

(Episodio)

I

Intorna esse teu pranto, flor de neve,
que o pranto da innocencia é puro e santo!
Sim, chora, que os teus prantos, branco lirio,
hão de esmaltar-te a c'roa do martirio!
Chora! que acima do celeste manto
há Alguem que pésa as bagas do teu pranto!

.....

II

Toda a tarde esmolou de porta em porta
a innocente Luisinha, e sabe Deus
como escutaram os gemidos seus
e viram suas lagrimas! — que importa,
que importa a muita gente que a desgraça
mate de fome ou cubra com andrajos
o que na rua passa!...

III

Lá vai ella caminho do casebre
que além destaca ao fim da sua aldeia,
È ao cair da tarde. O fumo ondeia,
erguendo-se das choças e casais;
dos montes do levante, a lua cheia,
coando-se por entre os pinheirais,
vem projectar seus raios prateados
no tecto dos colmados.

IV

Expira enfim a tarde melancolica.
A penumbra indecisa do crepusculo
lá domina o casebre solitario,
silencioso e triste como um tumulto !

Se o visseis nessa hora,
talvez dissésseis que d'ali a vida
fugira espavorida,
açoitada da morte assoladora !

Mas era engano ! — Dentro do casebre,
cançada da vigilia diuturna,

esmorecia a luz
de uma vida que a febre
alimentava — como a frágil urna
que, junto de uma cruz,
resguarda os clarões baços
de um triste lampadario,
e espera trémula o roçar do vento,

por se fazer pedaços
contra os degraus de funebre moimento !
.....

V

Entremos com Luisinha
ao casebre. Quem vê a rude ombreira
para logo adivinha
a miseria que lá por dentro móra.

Entremos. Na lareira
esfriaram as cinzas, desde a hora
em que arderam os ultimos gravatos
que a pobre mãe da pobre innocentinha
trazia em tempo dos maninhos matos.

A candeia apagada
estava pendurada
em a parede denegrida e nua !
o casebre outra luz não recebia
senão a luz do dia,
que entrava só pelo portal da rua.

Se os olhos buscam mais, apenas vêm,
por móveis, a pobreza a cada canto ;
por joias, os aljófares de pranto
os cilios orvalhando á triste mãe,
 que tinha por colchão
humidas palhas no gelado chão !

VI

— «Vem na paz do Senhor, meu pobre anjinho ;
vem matar as saudades que me dás,
quando não góso, filha, o teu carinho,
quando de mim bem perto não estás!
Tu bem viste o innocente passarinho
buscar as balsas, e inda agora vens !
Talvez adormecesses no caminho,
já cansada das noites que tu tens
 passado desveladas,
a murmurar-me falas abençoadas,
e com teus beijos de innocencia e amor
a refrescar-me as faces abrasadas
 da febre no calor...» —

— «Mãi, não adormeci; a caridade
é a que me parece
que ás vezes adormece
e que de nós se esquece
sem dó nem piedade!...

Toda a tarde esmolei de porta em porta,
mas dentro não entrava a minha voz,
que dentro a gente estava surda ou morta,...»—
.....

VII

Uma noite de janeiro
em terras de Portugal,
quando o castello roqueiro
e o mais humilde casal
namoram a branca lua
que em céu de anil fluctua;
quando reina doce paz
no céu, na terra e nos mares,
e tudo em silencio jaz,
— gandaras, montes e algares:

uma noite de janeiro
em terras de Portugal,
quem a não viu é o primeiro
que bem pôde, por seu mal,
dizer que a alma enregelada
por uma descrença fria
nunca a sentiu bafejada
pelo arcanjo da poesia...

Mas o que já uma hora,
nessas noites de luar,
escutou embevecido
o murmurinho sentido
da cascata a tintilar;

quem um momento estendeu
até lá acima um olhar,
como querendo contar
os lampadarios do céu:

diga o que sentiu então

ness'hora misteriosa,
em que o nosso coração
não sabe se pena ou gosa.
Eu não sei bem se é tristeza,
nem sei bem se é alegria
o que nossa alma extasia,
quando nossa alma está presa
ao íman da natureza.

Curvemo-nos ao misterio,
e a crença fique de pé! —
Seja pena ou alegria
o que nossa alma extasia,
oh! silencio! que a poesia
ninguem diz o que ella é!
.....

E como a noite vai linda!
As torrentes de harmonia
da cúpula azul e infinda
ressumbram cá para a terra

esses jorros de poesia
que nos astros Deus incerra.

E no bello panorama
alumiado pelo alvor
da lua que a luz derrama
sobre as obras do Senhor,
destaca um grupo de amor;
que por noites de luar
o amor chove, gota a gota,
e não sei que voz ignota
a gente convida a amar.

Pelas fendas de um colmado
entra o luar prateado,
aliando o seu palor
ao palor que triste brilha
nas faces de tenra filha,
unida suavemente
ao seio de mãe doente,
refrigerando-lhe o ardor

da febre que lh'a devora.
Não vos menti, vêde agora :
eis o meu grupo de amor !

Diga-me alguém se o escopro
de Canova talharia
grupo de tanta magia
como ess'outro a quem um sopro
de Deus ajuntado havia.
Deitada sobre o seu leito
de palhas em terra fria,
a mãe unia ao seu peito
a filhinha que dormia,
e, a dormir, a mãe beijava.
E a triste da mãe velava ;
velava, sim, porque a febre
as noites lhe amargurava ;
mas se, á réstia do luar
que alumiava o casebre,
visseis seus olhos incertos
a divagarem nas orbitas...;

se dos labios meio-abertos
ouvisseis o murmurar,
e apalpásseis esse fogo
que as faces lhe ia queimar,
certo, não diríeis logo
se estava a triste a velar!

E velava — se alguém vela,
quando a febre do delirio,
revelando atrás martirio,
a loucura nos revela!...

A pallida lua, ermando
na abobada azul e erma,
refrangia um raio brando
por sôbre o rosto da inferma...

.....

E nos cerros do levante
repontou a madrugada,
erguendo-se radiante,

— toda tímida e córada,
pudibunda e preguiçosa,—
do seu leito de escarlata,
toda vestida de rosa,
toda toucada de prata.

VII

Há ahí a inspiração na fronte calma
que vê de um lado a campa, e do outro a vida:
se a escutarmos, revela-nos essa alma
os segredos da terra promettida:
e o ouvil-a doces balsamos espalma
nas chagas da existencia dolorida,
que sempre é grato ao que erra no deserto
saber que há uma fonte, ou longe ou perto...

Alente-vos a fé, e no chão roje
a gelada descrença que vos rala:
surdos ao coração, attendei hoje
à voz da inspiração; que quem vos fala,

com os olhos no céu se parte e foge
do mundo que se aprouve abandonal-a.
E pois que a abandonou, escute o mundo
o ultimo alento a um seio moribundo:

— «Filha, um beijo! Da morte o sopro frio
breve desligará nossos abraços;
e depois, deste albergue o senhorio
te expulsará e negará os braços;
e, se verteres lagrimas em fio,
hão-de rir-se de ti homens devassos,
e não terás mãe terna que te abraça
e te rebeije a lagrimosa face!

Mas acima do sol e dessas luzes
que de noite ao miral-as pasma a gente,
há um pai carinhoso que por cruces
nos dá palmas e gloria eternamente;
e os espinhos, que em lagrimas traduzes,
inlaça-os em corôa refulgente,
com que na outra vida que não passa
Elle ingrinalda os filhos da desgraça!

E que importa uma lagrima na vida,
se Deus a fonde em pérola brilhante!...
— Se a desdita nos abre uma ferida
e nos inturva o olhar a cada instante,
por fim desponta a aurora apetecida,
intorna Deus um balsamo incessante,
e cada coração se alarga e expande
para colher as bênçãos do Deus grande!

Ai, filha! quando a minha eterna ausencia
te destilar o pranto da saudade,
e nesta via-sacra da existencia
trilhares os espinhos da orfandade,
ajoelha e ergue as mãos á Providencia,
pois é piedosa e justa, e, certo, há-de
lá nessas regiões incantadoras
inthesoirar as lagrimas que choras.

Mas olha, filha: o mundo tem miragens
que podem traiçoeiras enganar-te;
o mundo tem abismos e voragens
em que pódes incauta despenhar-te;

formosas a sorrir, falsas imagens
encontrarás talvez nalguma parte,
e, se te apraz então ouvir e vel-as,
por teu mal cairás nos braços dellas !...

Oh ! se te visse Deus mulher perdida,
do vicio escrava, pasto de mundanos,
fôra melhor fugir-te a luz da vida,
no alvor primeiro dos primeiros annos !
Ai, se eu visse hoje, filha estremecida,
no teu porvir atrozes desinganos,
pedira a Deus em fervorosa prece
que na minha mortalha te involvesse !

Meu Deus ! Vós que livrais do charco immundo
a nuvem côr de rosa, erguendo-a aos ares,
e que de abismo tetrico, profundo,
salvais o nauta na amplidão dos mares :
da innocente que fica neste mundo
não desvieis, meu Deus, vossos olhares,—
não a esqueçais de noite nem de dia,
pelos vossos caminhos conduzi-a !

Bem vêdes como a prófuga andorinha,
quando vai em demanda de outro clima,
em pleno mar encontra onde se aninha,
toma forças e prestes se reanima ;
não deixeis pois que, triste e só, Luisinha,
não tendo quem a guie lá de cima,
ao cruzar innocente o mar da vida,
poise cansada na onda intumescida !

.....

Mas quando, flor pendida em ermo agreste,
não aches quem te dê frescor e alento,
ergue os olhos á cúpula celeste ;
bemdize o Que, dos anjos ao contento,
estende os braços do poente a leste,
regendo a terra, o mar, o céu e o vento ;
abre o teu seio a privações e a dores,
e trabalha ! Deus veja os teus suores !

Se entrementes não podem teus bracinhos
mover-se, o dia todo, em rude lida,
vai, filhinha, juntar-te aos pobresinhos,

e com elles mendiga o pão da vida ;
e quando nos teus aridos caminhos
vejas a caridade adormecida,
lembra-te de que Deus não adormece,
e a cada qual dará quanto merece !»—



O AGIOTA

(Exercícios de rima)

I

Quando eu, vencendo escrúpulos, me achego
ao vampiro famélico da usura,
faz-me elle recordar pela figura
o escudeiro fiel do heróe manchego.

Contemplo aquelles bócios e o rofego
que lhe ondula a ciclopica estatura,
e a face que, na côr e na gordura,
traz á ideia o presunto de Lamego.

Insinúa, na voz, fallaz doçura
em estilo parente do galiego,
e joga a bisca com o padre-cura;

passeia só, á beira do Mondego;
e, se traja capote em noite escura,
dil-o-heis involto em asas de morcego.

II

De livros, leu em tempos o *Lunario*;
fundo na sua peculiar sciencia,
colhe os frutos da velha experiencia
e nem lê as noticias do *Diario*.

Traz comsigo arqueologico rosario,
vai á missa, é beato na apparencia,
e costuma lavar a consciencia
ao pé do expurgador confessorario.

Em feliz e invejavel indolencia,
explica ao filho, em volta do larario,
lições de economia e de prudencia.

Nunca dá cinco réis a um proletario,
mas fala muita vez da Providencia,
e nunca falou bem de um usurario.



A FOME

(Canção popular em França)

Quando na margem do rio
a azenha é silenciosa,
e o jumento dos moleiros
socêgo constante gosa,
a penuria em pleno dia
penetra nos nossos lares,
o céu tolda-se de negro,
e os ais perdem-se nos ares.

Nada embarga ao povo a queixa
quando a fome o curva ao chão;
que a natureza não deixa
na terra viver sem pão.

A fome corre as aldeias,
a cidade, toda a terra;
ide lá tolher-lhe o passo
com vossos clarins de guerra!
Ella abre as asas e voa
sobre polvora e metralha,
e firma o seu negro lábaro
sobre a mais alta muralha.

Nada embarga ao povo a queixa
quando a fome o curva ao chão,
que a natureza não deixa
na terra viver sem pão.

Que valem vossos exercitos?
a fome dá disciplina,

e dá força e fornece armas
à multidão campesina :
o sino toca a rebate,
e há foices, pás e forcados;
e até mulheres comprimem
fusis aos peitos nevados.


Nada embarga ao povo a queixa
quando a fome o curva ao chão ;
que a natureza não deixa
na terra viver sem pão.

Tirai a foice e a espingarda
d'entre as mãos da população,
e levantai guilhotinas
sobre os angulos da praça :
quando o machado sangrento
vidas mil haja cortado,
aos olhos das turbas tristes
do sangue sairá um brado!

Nada embarga ao povo a queixa
quando a fome o curva ao chão,
que a natureza não deixa
na terra viver sem pão.

Como a agua, o ar e o fogo,
o pão é preciso á vida;
o pão é divida santa
pelo Creador contraída.
Deus pagou a sua divida:
pois nos deu a terra inteira;
e o sol que no alto esplende
seccar póde o grão na eira.

Nada embarga ao povo a queixa
quando a fome o curva ao chão;
que a natureza não deixa
na terra viver sem pão.



O FILANTROPO

(De Henri Heine)

Havia dois irmãos. Um era rico,
pobrissimo o outro irmão.

E o pobre disse ao rico : — tenho fome ;
tu podes dar-me pão.—

E o rico disse ao pobre : — deixa-me hoje,
retira-te d'aqui :
hoje dou um banquete aos conselheiros,
que não tardam ahí.

1. *El mundo es un teatro*
 2. *El mundo es un teatro*
 3. *El mundo es un teatro*
 4. *El mundo es un teatro*

5. *El mundo es un teatro*
 6. *El mundo es un teatro*
 7. *El mundo es un teatro*
 8. *El mundo es un teatro*

9. *El mundo es un teatro*
 10. *El mundo es un teatro*
 11. *El mundo es un teatro*
 12. *El mundo es un teatro*

13. *El mundo es un teatro*
 14. *El mundo es un teatro*
 15. *El mundo es un teatro*
 16. *El mundo es un teatro*

Mas o irmão rico, ao ver que se approxima
a sua hora emfim,
chama um tabellião, faz testamento,
dos bens dispondo assim:

Deixou á cleresia enormes somas,
de escolas se lembrou,
e ao mais rico museu de arqueologia
não sei quanto deixou.

Deixou tambem legados importantes
em prol da conversão
de herejes e judeus; dos surdos-mudos
dotou a instituição;

mandou fazer um sino em Santo-Estevam,
sino descommunal:
uns quinhentos quintais pésa decerto,
e é do melhor metal.

E eis um sino que espalha a toda a hora
um som atroador :
celebra de continuo a honra e a gloria
do immortal doador ;

diz, por boca de bronze, os beneficios
que o rico, a plenas mãos,
dispensou á cidade e aos contrerrâneos,
herejes e christãos.

Oh grande bemfeitor da humanidade !
o sino apregoará,
ainda além da morte, as acções boas
de quem é morto já !

O enterro foi pomposo. Era a apotheose,
a pósthuma ovação :
apinhavam-se as turbas, respirando
respeito e admiração.

Em coche funerario, ornamentado
com plumas de avestruz,
velludo e oiro o fêretro cobria,
velludo que reluz,

com lagrimas de prata, e com recamo
da mesma prata feito:
a prata em fundo escuro, quasi sempre,
produz um bello effeito.

Como trajando luto, seis cavallos
o carro conduziam,
rebuçados em lugubres gualdrapas
que aos cascos lhes deciam.

Atraz, um regimento de criados
com a libré escura,
levavam lenços brancos sobre as caras
vermelhas de amargura.

Uma enfiada de caleças funebres,
os grandes da cidade,
tudo dava ao luzido sahimento
devida magestade.

Não esqueça dizer que os conselheiros,
os gordos commensais,
ali tambem estavam, mas um delles
faltava entre os demais :

era aquelle que tinha em alto aprêço
a carne de faisão.
Consta-nos que morrera, pouco antes,
com uma indigestão.

TREVAS

Quiz ver o carcere. Só nelle havia
uns vultos pallidos de torvo aspecto,
respirava-se a custo, e parecia
que me esmagava o ennegrecido tecto.

Era um mar de paixões, em calmaria;
mar outr'ora revólto e irrequieto;
apenas pela abobada sombria
revoava, a zumbir, nocturno insecto.

Ceguei-me á turba vil, encarcerada,
em cuja face se cravára o estigma
do crime, que nos faz estremecer.

E perguntei: — Que dolorosa estrada
vos trouxe aqui? — E a turba, a esfinge, o enigma
• rugiu na sombra: — Não sabemos ler...—



AURORAS

(À Hispanha nova)

Povos, que vejetastes algum dia
no meio de lethal escravidão,
á sombra de nefanda tirannia,
— podeis erguer a vossa fronte mesta,
e, a dura algema arremessando ao chão,
podeis sorrir na festa
que o anjo do progresso vos apresta,
e onde cada um de vós é livre e irmão!

Hispanha ! tu, que ergueste o braço forte
para domar nações
e retalhar bandeiras ;
mas que fraqueaste ante o balsão da morte,
que hasteado entre funebres saíões,
tremulou junto a rubidas fogueiras ;
tu, que amassaste com teu nobre sangue
a argilla que formou o Escurial ;
tu, por quem nunca suspirou de amores
o velho Portugal ;
tu, que soffreste o infame Torquemada ;
tu, que escutaste a voz envenenada
dos discipulos falsos, e sem fé,
de Gusmão e Loyola ; tu, que hás visto
inlameada a tunica do Christo
em tremedais de purpura e estamemha :
levanta-te de pé !

Ao baquear da velha sociedade,
força prolifica estremece e luta
no meio das ruinas ;
o mundo inteiro a escuta,

toma-a por nuncia de uma nova idade,
mas não lhe sabe a nome
nem lhe pôde medir a intensidade.
Muitas vezes, eu tanto comparal a
à pomba que, ferida,
foi cair entre os asperos silvedos,
e que, ligada por um fio à vida,
tenta ainda salva-la,
e luta a mais e mais
por desprender as asas
de esconsos espinhais.

Mas depois outra ideia me domina:
a miude a sorte zomba
do porfiado esforço de uma pomba,
emquanto a grande força misteriosa,
que as moles do passado abala e mina
e derrue poderosa,
não recua, não pára, segue avante!

Quem sabe do futuro?
O sol que nos inunda rutilante

não nos concede ao menos
um raio que dissipe o manto escuro
em que se escondem páramos serenos,
— região promettida
aos filhos dos que vão atravessando
os asperos desertos desta vida !

Sabemos que marchamos
e que fugimos de uma bronzee idade ;
que somos livres e que nos amamos ;
que amamos a verdade
e a lei suprema da justiça eterna ;
não queremos um braço que governa
em nome de europeus e tradições,
nem tão pouco queremos que as nações
dobrem servís o collo
perante um privilegio ;
não faremos jamais do patrio solo
um patrimonio regio ;
não faremos da lei joguete frágil,
nem canna de irrisão ;
não daremos abrigo aos poderosos,


negando ao pobre a mão ;
abriremos a porta a quem bater,
cavalleiro ou peão.

È este o nosso credo ; o mais... quem sabe
aonde leva a aspiração immensa
que já em nós não cabe ? !
Qem a revêzes pensa
no vago aneio da hodierna idade,
quizera sublimar-se
a alturas ignoradas, e, voando,
transpor a immensidade,
mas... fica-se sonhando !

E um sonho, muitas vezes, não é sonho :
transmuda-se em ideia, a ideia em facto ;
e, ao benigno contacto
do sopro animador
que a todos nos repassa,
dir-se-lhá que, junto ao leito dos videntes,

de continuo esvoaça
um genio creador !
.....

Não tremas, nobre Hispanha,
augusta mãe de Riego e de Padilha :
a luz que em teu espirito se entranha
e que, opulenta, brilha
desde o palacio á choça da montanha,
jamais a apagam os esforços vãos
daquelles que, seguindo escura trilha,
ousam erguer as mãos,
conspurcadas de negra covardia,
contra a mão que do seio do infinito
por sôbre todos nós espalha o dia !



VOZES LONGINQUAS

**Que vales tu, escravo, sob o látego
do teu senhor brutal ?**

**Que vales tu, colono, junto aos plinths
do castello feudal ?**

**Que valem os teus brados mal distintos,
em luta desigual,
misero proletario, recalcado
pelo genio do mal ?**

— Nada! — responde a sombra do passado.

— Nada! — uma estranha voz inda responde,
além, do poente escuro.

— Tudo! — clama a justiça em alto brado.

— Tudo! tudo! — repetem não sei onde
os ecos do futuro.


—

O PÁRIA

(De um drama de Delavigne)

— Uma raça ali vive nessas margens,
raça estrangeira sob o sol da patria,
sem abrigo de alguém, sem um amparo,
abominavel e maldita : os párias !
O sol da-India a custo os alumia,
a terra sente horror quando caminham;
e Deus, ao ver a criação completa,
separou-os do numero dos homens.
Foge o indio das aguas que os espelham

e do fruto que os párias hão colhido,
ou sequer bafejado com seu halito.
Aquelle que encontrou os seus olhares,
vezes nove se lança em agua santa.
Qualquer dispõe de sua odiosa vida:
fóra da lei, seus dias mais não valem
que a de um reptil immundo ou desses monstros
que no seio do Ganges se produzem.
Se o amor os tenta, e os olhos alevantam
a bellezas esquivas, vem sobre elles
pesado anathema, a miseria, a infamia!
Malditos de seus pais e sua tribu,
esperam noutra vida mais flagícios,
e eil-os votados a um exilio eterno!
Mas... estremeço! vais talvez deixar-me,
fugir de mim, do amigo desditoso:
sobre o solo natal que me é defeso
eu arrasto os meus dias; sou maldito!
sou fugitivo, um impio; eu sou... um pária! —



O VOTO

Ode grega de Kalvos de Zante

(1821)

**Antes quero que a patria se me abisme
nos negros vagalhões de um mar em furia,
à similhaça da canôa frágil,
perdida, abandonada;**

antes quero que as linguas de um incendio,
correndo a Grecia e circumdando as ilhas,
devorem selvas, villas e cidades
e as esperanças todas;

antes quero que os filhos desditosos
da Hèllade formosa andem errantes,
e a mão estendam súplices, famintos,
á pública piedade;

do que aceitar a protecção de estranhos !
Não me cegam as grandes nomeadas,
e nunca deslumbrou os meus olhares
o brilho das corôas.

Se, por cada um rei mau que desce á campa,
um de seus astros apagasse a noite,
poucas estrellas fulgiriam hoje
na abobada celeste.

A mão que offereceis a gente estranha,
como sinal de protecção amiga,
é que forjou, e ainda forja treda,
cadeias para os povos.

Quantos pais infelizes dão aos filhos,
em vez de pão, abraços e caricias,
ao mesmo tempo em que nos vossos labios
esplendem taças de oiro!

Quando ingrossais o vosso poderio,
a um dominio juntando outros dominios,
novos suores pretendeis apenas
para expenderdes prodigos

em levantar espadas que vos guardem
no esconso de palacios grandiosos,
e armas forjar que affastam a virtude
e os que a virtude adoram.

Vós desejais riquezas e thesoiros
para comprar applausos e triunfos
e adulações e falsas reverencias
e perfidos incensos.

Nós temos consagrado o corpo e a alma
à victoria da cruz e da verdade;
vós, ás occultas, tendes protegido
aquelles que as guerreiam.

Vós, a cruz venerais perante os povos,
para firmardes nella a tirannia,
e, procurando sempre o mesmo alvo,
na Grécia a combatestes.

E agora vossa mão estender vindes,
amiga e protectora...; retirai-a!
Deus sabe ler no fundo de vossa alma,
e os perfidos castiga!

Quando a árvore é tenra e o norte a agita,
carece de um apoio; mas, um dia,
ingrossa, robustece, e só lhe basta
a seiva e o vigor proprio.

Gregos! com força segurai os gladios,
os olhos levantai para as alturas,
e contemplai na mão da providencia
vossa protecção unica.

E se ella vos faltar e as vossas armas,
antes oiçamos nas montanhas nossas
nítirem, outra vez, dos ottomanos
os alasões selvagens,

do que... Pois quando a tirannia é cega,
e quando se desmede e se requinta
em crueldade, mais prestes as cadeias
da escravidão estalam!

Não me desvaira o odio; arranco apenas
da minha pobre lira uns sons dispersos,
e medito, de pé e fronte erguida,
à beira do meu tumulto.



NO CAMPO


— Bom dia, Jacques ; estás hoje triste !

— É fruto do trabalho, meus visinhos;
cança-se a gente a desbravar maninhos
e nem a planta nem o grão resiste
à aridez do terreno.

— Ainda assim,
tu amanhaste os campos do morgado;
deram boas searas, e por fim,

salva a renda, terias compensado
a despesa, as fadigas e o cuidado.
— Graças a Deus, o trigo nasceu bem;
correu-lhe favoravel a estação;
porém a aveia amesquinhou-lhe o grão,
e, como aos pobres um mal só não vem,
rebentou uma negra tempestade
e das espigas rechaçou metade.
Quando nas eiras se mediu o pão,
correu-me pelo corpo um calafrio
e a tristeza cobriu-me um coração :
é que eu tinha de dar ao senhorio
um moio e dez alqueires de pensão,
e depois mesmo de estremado o joio,
vi que, joeirado, apenas tinha um moio.
Procurei o morgado: dizem delle
que tem nobreza na alma e nos braços;
expuz-lhe as minhas tristes condições,
e pedi-lhe que ao menos, por piedade,
só me exigisse o pão que deu a herdade.
Não quiz ouvir-me. Quando entrei em casa,

meus filhos dormitavam na soleira,
cançados já de trabalhar na eira.
Despertei-os. Tomaram sôbre os hombros
o pão que elles haviam joeirado ;
levaram-no aos celleiros do morgado,
e uns miseros lençôes dei á pinhora,
por completar a renda espoliadora...
Na primavera e no verão calmoso,
trabalhei, dia a dia, mas ao fim,
não há para o trabalho, para mim,
uma hora sequer de paz e gôso.
Por isso eu intristeço. A fome e o frio
vão sentar-se comigo no meu lar ;
e, quando vir meus filhos esfomeados,
eu, triste pai, só poderei... chorar !



DO HOSPICIO AO CARCERE

Infeliz que não sabes quanto é doce
esta palavra — mãe,—
se a mãe, que te gerou, cruel não fosse,
dirias tu também :

— Abre-me o teu regaço, mãe querida,
deixa-me descansar
da luta ingloria que nos gasta a vida,
fóra do nosso lar.

És-me no mundo nova providencia,
que ampara, vê, conduz ;
e nas trevas que innoitam a existencia
surges, propicia luz.

Em meu seio tu vês o que se passa
e que o labio não diz,
como através dos gelos de uma taça
os átomos subtís.

Quando te vejo, livida assucena,
ao pé da minha cruz,
fazes lembrar a triste nazarena
ao pé do seu Jesus.

Se alegre estou, sorris: e, se eu padeço,
padeces tu tambem.
De tanto amor ainda ignoro o preço,
oh minha doce mãe! —

Infeliz ! desconheces os afagos
de um collo maternal !
nunca sentiste aquelles beijos magos
de um amor sem rival !

Vieste á luz em dia malfadado :
a mãe que te gerou
involveu-te na faixa do engeitado
e ao hospício te lançou.

Cresceste ; e a mão dos homens, previdente,
foi-te d'alli tirar.
Sentiste fome e sede ; mas vanmente
quizeste trabalhar.

Fecharam-se-te as portas da officina
e o templo da instrucção ;
e disseram-te : busca a mãe ferina,
que te dê casa e pão.

O desherdado as ancias não comprime,
quando se vê á sós.
Olhaste em roda. A tentação do crime
sorria-te feroz.

A um lado viste, em vez de fome e sêde,
o abismo... salvador;
e tiveste a coragem do que mede
o abismo sem pavor.

No seio escasseava-te a semente
de uma affeição sequer:
nunca apoiaste a face docemente
num seio de mulher;

nunca te demoraste junto á imagem
dos que nos querem bem;
nem te adoçou o coração selvagem
um ósculo de mãe!

E depois, que devias tu ao mundo
que te expelliu de si,
e que, ao pé do martirio mais profundo,
contente folga e ri?

E o odio, em vagas turvas refervendo,
os olhos te empanou;
e, num gesto de hiena, alegre e horrendo,
ao seio te apertou.

Tu, que não conhecias a esperança
nem arrimo de alguém,
ficaste sendo filho da vingança
e conheceste mãe...

Hoje... segues a trilha que abrolhosa
ao carcere conduz;
e hoje a visão do crime pavorosa
é quanto te seduz.

Se, ás vezes, de teus labios rompe a furto
algum perdido ai,
do hospicio ao carcere o caminho é curto :
vai teu caminho, vai !



DEZEMBRO

Pára o mendigo em sítio solitario.

Não acha quem o acoite.

E ao longe o campanario
tristemente annuncia a meia noite.

A neve cái em flocos na calçada,
desdobrando um lençol alvinitente;
e lá se estira o misero indigente
nessa cama gelada.

Dorme? Não sei. O sono é-lhe talvez
como o que afaga a estátua de um moimento.
Hirtos os membros e nevada a tez,
fluctúa entre a vida e o passamento.

O silencio apavora,
engendrando visões luciferinas;
só, donde em onde, a ave nocturna chora
de um negro pardieiro entre as ruinas.

Ao longe, numa gothica janela,
de argenteo candelabro esmaia a luz.
É findo um baile, e um camarim se estrélla
sobre a ventura que ali chove a flux.

Cái a neve, incessante,
transformando-se em alvos pavimentos.
Tudo silencio. Mas, após momentos,
passa nas trevas um rumor distante.

Faustosa sege se aproxima em breve
do interpecido vulto
que entre montões de neve
repoisa meio occulto.

Mas a sege não pára um só instante,
ao tropeçar no vulto miserando.
Ouve-se o extremo ai do agonisante,
e a sege... vai rodando.



A PRIMAVERA DOS POBRES

—Sou pobre! eu te offereço
quanto possue um pobre:
o preito, em que se encobre
inextimavel preço.

Aceita, ó primavera,
virgem immaculada,
a saudação sincera
do que não tem mais nada!

Já vai noutro hemisferio
o inverno pobricida,
o algoz de tantas victimas,
a hiena infurecida !

Passou amaldiçoado,
como se um lobo hidrófobo,
ardendo em raiva e furia,
cruzasse o povoado.

Passando, foi erguendo
o tecto dos colmados,
juntando um uivo horrendo
aos ais dos desgraçados.

Passando na lareira
que os velhos aquecia,
levou na ventania
a chamma derradeira.

Passando pelas ruas
nas asas do aquilão,
gelou crianças nuas
que iam pedindo pão.

Passando na morada
do inferno agonisante,
deu uma gargalhada
e foi correndo avante.

Já vai noutro hermisferio
o inverno pobricida,
o algoz de tantas vítimas,
a hiena infurecida!

Livrar-nos tu vieste
da assoladora fera,
ó doce primavera,
irradiação celeste!

És mais dô que a alegria,
és um olhar de Deus,
velando a côr sombria
dos tristes dias meus.

Estendes sobre o limo
teus braços luminosos,
e nelles me sublimo
aos inefáveis gosos.

Entranhas-te nos carcerees,
benigna primavera,
e, despertando jubilos,
dizes a alguém — espera! —

O velho intorpecido,
se vais beijar-lhe a choça,
ergue-se, e agradecido
saúda-te, e remoça.

Revestes, sobredoiras
de clâmide fulgente
o bando sorridente
das criancinhas loiras.

Lanças na terra, a flux,
lençóis de mago alvor,
e faixas de calor,
e tunicas de luz...

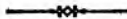
E vêm os pobresinhos,
do frio já libertos,
sorrir aos teus carinhos
nos seus portais abertos.

Nos lares esfriados
teu halito revoa:
como és piedosa e boa,
ó mãe dos desgraçados!

Vivificante essencia,
tépida luz vernal,
pródiga efflorescencia,
murmúrios do choupal,

salvè! a miseria acclama
e adora e beija e abraça
quem este mel derrama
no cálix da desgraça.

Aceita, ó nivea fada,
benigna primavera,
a saudação sincera
do que não tem mais nada! —



PROGREDIOR

O templo estava aberto, o templo do trabalho !
brilhavam sobre o altar — cinzel, escopro e malho;
e os canticos da industria, erguendo-se até Deus,
falavam-nos de paz, e enchiam terra e céus !
O mundo, então feliz, das suas cinco partes
romeiros enviava ao pantheon das artes :
filhos de estranho clima e raças desiguais
vinham trocar ali amplexos fraternais !
— Vinha o fellah do sul, os servos do occidente,
os esquimaus do norte, os párias do oriente !

E quem chegava ali, romeiro do porvir,
transpondo o umbral do templo, ia este canto ouvir :

I

— Hontem, era sosinho, e triste, e desprezado ;
era o informe reptil que o viandante esmaga :
em vez de paz e amor, em vez do bem que afaga,
eu tinha solidão, miseria e dôr, ao lado.

II

Que me importou a mim o sol do meu oriente,
abraçando o palmar, e iriando a cachoeira,
se o pranto me fugiu nas águas da corrente,
se o pária suspirava á sombra da palmeira !

III

Trabalha,— disse a fome; — e o escravo trabalhava;
e a consciencia, só, mostrava-lhe o futuro,
que havia de rasgar esse horisonte escuro,
lançado por Satan na intelligencia escrava!

IV

Mas, na vigilia acerba, em que eu sonhava afflicto
a hora do resgate, alcei de Harmodio o braço,
e ergui da liberdade o alti-sonante grito
que vòu, e que transcorre os tempos e o espaço!

V

Meu grito despertou o generoso Graccho,
e foi repercutir-se em plainos de Farsalia;
reboou pelos céus da harmoniosa Italia,
e armado o repetiu o intrepido Espartaco.

VI

Embalde ! — a servidão, feroz, ligando ia
o misero colono á gleba e ao castello,
embora protestasse a heroica Jacqueria !
embora erguesse a fronte o audaz Masaniello !

VII

E, em quanto eu revelava a força misteriosa
que ergueu do Vaticano a cupula gigante ;
e unia á historia da arte, em pagina brilhante,
brilhantes creações de Angelo e Cimarosa ;

VIII

emquanto o braço meu ás nuvens levantava
a basilica santa e as pedras da muralha ;
e em quanto o mundo inteiro, absorto, contemplava
o Louvre e o Escorial, Westminster e Batalha :

IX

meu nome, que doirara o pantheon da historia,
meu nome, que ante Deus e os homens tanto exprime,
meu nome,— era ignorado ! e o anonimo sublime
era faminto e nú ao pé da sua gloria !

X

Miseria e servidão — fundissimo problema,
na caixa de Pandora, aos olhos encoberto !
quem limar poderia a secular algema,
e quem responderia á esfinge do deserto ?

XI

Pensei, lutei, venci ! — a força, a prepotencia,
que aviltara o trabalho, e que esmagara o artista,
teve de ceder campo á esplendida conquista
feita pelo direito em pró da intelligencia !

XII

Hoje, estendo o meu braço, e ligo os continentes;
dilato o meu dominio — a industria, o mundo novo;
repillo o crime e o ocio, abraço os innocentes,
e digo ao forte e ao fraco: — hei de salvar o povo!

XIII

Romeiros, amanha, as benções que eu espalho
hão de accender no alto o sol dos novos dias.
Se alguém vacilla em crer na luz das profecias,
homens de pouca fê, eu chamo-me o TRABALHO! —

D'entre a piedosa turba, em que sorria a fê,
um velho destacava, altivo, erguido em pé,
ás portas do santuario! O olhar, profundo e vivo;
neve o cabello e a barba; o aspecto, nobre e altivo;
as falas, de vidente!

E a turba perguntou:

— Quem és? donde vens tu?

— Quem sou? não sei quem sou!

Sei que aos vossos avós eu embalei o berço,
e que tenho seguido os povos do universo!
Venho de toda a parte! É sestro meu andar
correndo toda a esfera, a ver, a perguntar
se o mundo vai marchando; e a interrogar as campas
que a enxada abrindo vai, desde os extensos pampas
da America florente, até junto aos umbrais
do indico pagode, e aos gelos boreais
onde Ymer, Freda e Odin tiveram culto e altares.—

Fixaram-se no velho attonitos olhares!

A turba ouvia attenta o encanecido ancião;
deixava-se tomar de assombro e admiração,
e tudo perguntou:

— Acaso és tu Ahasvero? —

— Que vos importa um nome? ouvi-me; eu só quero
que, á luz da fé mais pura, o vades soletrar
na biblia do progresso. Ao meu peregrinar
não sei marcar principio! — Inda o judeu da lenda

espinhos não trilhava em sua eterna senda,
e já no meu caminho as flores, mil e mil,
dobravam-se aos meus pés; e, todo um mar de anil,
o céu estrelado a mente me enlevava!
e, do homem ao surgir, a natureza escrava
curvava-se ao poder do rei da criação,
formando no seu seio a tribu e a nação!

O homem seus olhos de águia estende pelo espaço,
e contra a selva rude levantou o braço:
onde medrava a sarça, a messe loirejou;
e, onde rugia o tigre, um canto se escutou!
Depois, aonde a vida estremecia apenas,
Palmira a fronte ergueu, Carthago, Roma e Athenas!
dos meandros florestais, coalhados de reptis,
surgiu Tiro e Numancia, e Thebas e Memphis!
e, em meio de areais, no esbraseado Egipto,
intronisou-se a industria em moles de granito!

O homem havia lido a sua grande lei!
a natureza olhou, como senhor e rei,

e disse-lhe : — descobre o seio teu profundo,
quero marchar e ver ! quero abraçar o mundo !
sinto-me forte e grande : o mundo é todo meu,
e como que antevejo o simbolo de Anteu !

E tudo caminhou ! Á vida, á luz, á ideia,
rasgam-se novos céus ! — nos ermos da Caldeia
ás nuvens se remonta em asas de condor
e os astros conta e observa incognito pastor !

Vaguei por nações mil, e ouvi em cada uma
falar ora Confucio, ora Licurgo e Numa !

E com o tempo andei ! e a sombra, a mais e mais,
o seu logar cedia a esplendidos fanais :
hoje era no occidente o Socrates sublime;
amanhan na Judeia o que expiou o crime
de ter amado muito e ter prégado o bem !...

Não pude inda parar ! chamavam-me d'álem
as luzes da sciencia, o resplendor das artes !

Raiavam novos sóes! — o genio de Descartes
pôde abarcar a terra, e a terra illuminou!
Kepler, olhando o céu, a orbita marcou
ao mundo que gravita em volta de outro mundo!
e Herschell, devassando o céu azul, profundo,
em pós de ignoto Deus, seguiu com passo igual
Newton e Galileu, Copernico e Pascal!

Dilata-se a sciencia, ao arraiar da imprensa!
o espirito remonta á liberdade, e pensa!
e á voz de Guttenberg, os astros do saber
nos céus da imprensa vêm, mais vivos, resplender!

Vi renascer a industria! A velha autoridade
tinha cedido o passo á jovên liberdade!
e, em novo pantheon, triunfante erguer-se vi
o mártir do trabalho, o grande Palissy!
O artista sobe a um throno; e da arte o manto regio
exorna Raphael, Camões, Tasso e Corregio!

Recresce a força humana! O impetuoso mar

parece ante essa força agora recuar !
— a curva o dorso ingente á voz que o genio acclama,
deixa passar Colombo e Laperouse e Gama !

Depois... Era na França ! era lá onde vi
em dias de tormenta a *Saint-Barthélemy* !
era no mesmo solo onde já foi gigante
o despota embalado em braços de baccante !
era na mesma terra onde a árvore do mal
cobria ao mesmo tempo o throno e a saturnal !
era na França ! embora ! — o tempo tinha andado,
e, ao fim de larga noite, o sol tinha raiado.

O sol ? Não era o sol ! — dos céus na vastidão
rompeu estranho, immenso, esplendido clarão !
inunda-se de luz o velho e o novo mundo,
e cai o despotismo, e arqueja moribundo !
levanta-se a justiça, e traz ao povo rei
as tábuas onde Deus traçara a nova lei !

Rousseau e Montesquieu, que já no pó dormiam,
na sua obra gigante, em sonhos, se reviam...

Espalha-se e resplende o fogo da razão !
a voz de povos mil é voz de irmão a irmão !
e o verbo salvador, como evangelho novo,
instilla vida nova e nova luz no povo !

De Fulton e de Watt o improbo labor
rouba ás forças do mundo a força do vapor !
rasga a electricidade a vastidão do espaço,
á ideia, ao pensamento accelerando o passo !
e em torno ao pedestal do seculo da luz
flores de eterno abril o céu derrama a flux !

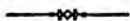
Hei de ver mais ainda ! — Os braços do progresso
hão de entrar do casal no incognito recesso,
abraçar a indigencia e dar-lhe luz e pão,
dar flores ao deserto e vida á solidão !
E eu hei de me banhar nesses immensos brilhos,
e, levantando a voz, contar aos vossos filhos
que amastes o trabalho e a luz que é sua irman,
que inflorastes o berço aos homens de amanha !

Chamam-me novos sóes e mundos que adivinho !
Comigo caminhai ! segui o meu caminho ! ! —

E o velho caminhou ! viram-no sempre andar,
transpôr os alcantis, o valle, a selva, o algar,
e os passos dirigir ao lucido oriente
donde costuma erguer-se a aurora resplendente !

Sandemol-o, o bom velho ! Esqueceremos nós,
ó filhos do progresso, aquella augusta voz
que diz ás gerações — amor, futuro e gloria ?

A voz do peregrino era o pregão da historia !



POST-SCRIPTUM

POST-SCRIPTUM

..

Morreu há pouco um incansavel e fervoroso operario da civilisação moderna, a quem eu dedicava particular veneração, sobejamente retribuida por algumas palavras benevolas, que eu arquivarei como um dos raros estímulos que ainda se nos deparam em meio dos desalentos da vida litteraria.

Chamava-se Michelet.

Admirei-o na sua *Historia de França* e na sua *Historia romana*. O seculo que produzira Herder na Allemanha, lord Macaulay na Inglaterra, na Hispanha Castelar, em Portugal Herculano, arrancou de uma officina tipografica o genio de Michelet, e deu á França o seu primeiro historiador.

Estudei-o nas suas *Origens do Direito*. Guiado por Grimm, imbrenhou-se nos mais obscuros problemas da historia juridica, e brindou-nos com o fio de Ariadne á entrada dos mais tortuosos labirintos das sciencias historicas.

Deliciaram-me os traços inspirados que, da sua mão de

artista, caíram na tela daquelles quadros que têm por epigrafe — o *Mar*, a *Ave*, a *Mulher*.

Mas o livro que mais reflecte a grandeza daquelle coração; o livro que mais espelha a alma profunda e sympathica do grande pensador; o livro que, entre os de Michelet, me deve mais entranhado affecto, é o que se inscreve *O Povo*.

Dado á luz em 1846, anno em que o desconhecido autor destas linhas, num desconhecido logarejo de Portugal, abria os olhos á luz, parece que o destino associara desde logo a minha sympathia áquelle grande e formoso livro.

Filho do povo, amei aquellas paginas escritas para o povo e por um filho do povo escritas. Á proporção que eu ia cotejando com ellas as lições de uma precoce experiencia, e á proporção que a arte me vinha acenando com as miragens da poesia, mais se me gravavam na memoria paesagens como esta :

— «Acreditaram os romanticos que a arte residia principalmente na desformidade. Acreditaram que os efeitos de arte, os mais infalliveis, estavam no desforme moral. Pareceu-lhes mais poetico o amor caprichoso e errante, do que a familia; mais poetico o roubo do que o trabalho, e a calceta mais poetica do que a officina. Se, através das proprias dores, descessem ás profundas realidades da vida desta epoca, teriam observado que a familia, o trabalho, o mais modesto viver do povo; encerram em si uma poesia santa. Sentil-a e mostral-a não é tarefa de maquinista; não é necessario juntar-lhe efeitos theatrais: o que é preciso é ter olhos habituados a esta doce luz, olhos para ver na

sombra, no pequeno e no humilde, e um coração que auxilie a vista nestes recessos do lar, nestas sombras de Rembrandt.» —

Senti quanta verdade ia nisto, e consagrei á poesia do povo algumas horas de trabalho. Daqui *O Poema da Miséria*.

Nos tempos que vão correndo, tempos em que o problema do proletariado supplanta os problemas politicos e religiosos, põe em actividade os laboratorios da sciencia moderna e percorre electricamente todos os órgãos do corpo social, não vem fóra de ponto enquadrar nas molduras da arte as paisagens melancolicas da miseria, o reflexo das aspirações do povo, e as tábuas da lei nova, escritas pela justiça no alto deste Sinai moderno, a que chamamos — consciencia humana.

Os que de boa fé lerem *O Poema da Miséria*. não o tomarão por um livro de propaganda demagogica; mas por um livro de arte, um livro de coração e um livro de consciencia; verão, demais disso, que me não alistei num apostolado inutil; e, se não fóra o mesmo que ajustar a um edificio modesto um portico magestoso, diria eu deste livro o que o poeta da *Lenda dos Seculos* dizia merecidamente dos seus *Miseraveis*:

— «Emquanto existir, por effeito das leis e dos costumes, uma condenação social, creando artificialmente infernos em plena civilisação, e complicando com uma fatalidade humana o destino que é todo sobre-humano; em quanto os tres problemas do seculo — a degradação do homem

pelo proletariado, a queda da mulher pela fome, a atrofia da criança pelas trevas,— não fôrem resolvidos; emquanto, em certas regiões, fôr possível a asfixia social; ou, noutros termos, emquanto sôbre a terra houver ignorancia e miseria, não serão os livros como este, de certo, inuteis.» —

O texto deste livro evidentemente reclama alguns esclarecimentos e annotações.

Já está dito que as notas são para quem dellas precisa. Num livro consagrado ao povo, exige o commum senso a maxima clareza: lançar no seio das multidões as sentenças antibologicas do oraculo de Delfos, será embellecar os simples, clamar no deserto, mas nunca evangelisar ideias, nem levar claridade a espiritos innoitados.

Isto vem como justificação prévia de umas ligeiras divagações historicas e litterarias que ao diante seguem.

Antes de mais nada: não sei se alguem me pedirá contas pela orthografia usada neste livro. Não me desvelará isso as noites, nem agora me leva a consignar neste passo as minhas convicções sobre tal materia. Aos etimologistas exigentes já dei algumas explicações em as notas de outro livro meu, (*Tasso*, not. I) e para lá remetto os que se não enfadam com estes assumptos.

... *Valmiki, Firdusi...* (pag. 8).—Valmiki é o poeta a quem os hândús attribuem a composição do poema épico, o *Ramayana*, um dos mais assombrosos monumentos da antiquíssima litteratura sanskrita. Deixei deste poema noticia mais ampla no *Instituto*, vol. xvii.

Firdusi é o poeta que escreveu a celebre epopeia persa, o *Shah-Nameh*, em que se celebram as façanhas de Gustasp, Dschemchid e Isfendiar. *Firdusi* quer dizer — *poeta do paraíso*.

Desta epopeia temos a moderna traducção, feita pelo habil orientalista M. Molh.

Um, chama-se Espartaco; o outro, Bonhomme, (pag. 32). — Entre as diversões predilectas do povo romano sorbesaia o combate dos gladiadores. Os gladiadores eram tirados dentre os prisioneiros de guerra, dentre os escravos, ou dos homens livres que, por uma indigencia extrema, se resignavam a exercer aquella profissão: para divertir o povo, eram obrigados a combater na arena uns contra os outros, ou contra animais ferozes. De ordinario, eram escravos.

Corria o anno 73 antes de Christo. O cavalleiro romano Lentulo Baciato dava ao povo um espectáculo de gladiadores. Duzentos dentre estes resolvem quebrar as algemas e conquistar a liberdade. Denunciados porém, armam-se de

machados e espetos, saem da cidade e fortificam-se no Vesúvio. Espartaco é o seu principal chefe.

Espartaco derrota em várias refregas as tropas romanas. A victoria redobra-lhe o ânimo e augmenta-lhe o partido : chega a commandar 70:000 escravos.

Rechaça as legiões dos consules Gellio e Lentulo, e vence os pretores Manlio e Cassio.

Roma apavora-se. O senado indigna-se contra os consules vencidos, dimitte-os, e envia contra Espartaco o pretor Licinio Crasso, á frente de seis legiões.

Entrementes Espartaco derrota ainda o pretor Tremellio. Obrigado porém a aceitar a batalha decisiva que lhe offerecia Crasso, fere-se a luta nas margens do Silaro.

Espartaco precipita-se corajosamente no seio dos inimigos, numerosos, disciplinados e aguerridos ; procura bater-se com o pretor, mata dois centuriões, e cái entre os cadaveres de quarenta mil escravos.

Roma ficou em paz, accrescenta um escriptor; e os gladiadores e os escravos retomaram o jugo...

Diga-se alguma coisa de Jacques Bonhomme. Chamam-lhe algumas chronicas Guilherme Callet, e merece um logar distincto entre os mártires da liberdade.

O seculo XIV é uma das paginas mais negras da historia do feudalismo em França. A decadencia da monarchia dá força aos senhores feudais, e todo o castellão se tornou dominador absoluto da pessoa e fazenda dos seus subditos.

O povo dos campos, o laborioso agricultor, o servo da gleba, soffreu naquella época a mais estúpida e feroz op-

pressão, que é possível imaginar-se. Os senhores roubam-lhe o alimento quotidiano, incendiavam-lhe as habitações, violavam-lhe mulheres e filhas, exploravam-no e torturavam-no com uma soffreguidão de canibais.

O povo, cansado de soffrer, levantou aquella bandeira negra e terrível que tinha por mote: — «*os nobres deshonoram e opprimem a França.*» —

A insurreição, dirigida por Bonhomme, rebentou a 21 de maio de 1358, na provincia da Ilha-de-França.

Os nobres invocaram o auxilio do rei de Navarra, que derrotou 3:000 *jacques*, como por escárneo se chamava aos paisanos; mas a refrega decisiva foi em Meaux, a 9 de junho, em que o conde de Foix trucidou mais de 7:000 paisanos.

E os nobres continuaram o seu caminho.

*
*
*

Gilbert na miseria, (pag. 36).— O poeta satirico deste nome é considerado como o Juvenal do seculo XVIII. Natural de Lorena, onde nasceu pobremente em 1751, foi viver em Paris, onde esperava encontrar protecção e fortuna. A esperanza mentiu-lhe: algumas satiras que o talentoso poeta dirigira aos enciclopedistas atraíram-lhe inimizades, perseguições, e a fome.

Amparado algum tempo pelo arcebispo de Paris, veio a morrer na miseria em 1780, contando apenas 29 annos de idade.

..

Antes de morrer, escrevera o seu conhecido epitáfio, que pode verter-se assim:

«Conviva desditoso, um dia me assentei
 ao banquete da vida;
 mas foi um dia só; e agora morrerá,
 sem que ninguém me vá chorar piedosas lágrimas
 na funeral jazida».

poAses rimas que a Gilbert consagrei, depois da leitura das suas poesias, poderiam consagrar-se a qualquer dos numerosos poetas, que embora ricos de inspiração e talento, morreram na miseria, victimados á ingratidão dos seus contemporâneos. É extenso esse martírologio, e, a cada pagina, apparece um nome destes: Homero, Milton, Camões, Cervantes, Ariosto, Dufresny, Malfilâtre, Hegesipo Moreau, La Harpe, Molière, Dryden, Spencer, Butler, Chatterton, e quantos outros!

O esquecimento, (pag. 47).— Esta composição, que já não é desconhecida para uma parte do nosso público, suscitou apreciações várias sobre a minha feição *realista*.

Vou a proposito confessar que, quando escrevo versos, cuido pouco das denominações das differentes escolas litterarias, para lhes sacrificar o que me diz a consciencia, o que a arte me ensina, e o que eu reputo bom gosto.

Idealista ou *realista*, cedo aos criticos da minha terra, amigos ou indifferentes, o direito de me classificarem a capricho das suas variadas estheticas.

Tem alguma razão aquelle traductor de Herder, que disse: — «*En fait d'ouvrages de goût, il faut faire et se taire;*» — o que, amoldado ao caso, pôde traduzir-se: o artista trabalhe, e cale-se.

..

Louverture... (pag. 94).— Quem historiar o grande facto da emancipação dos escravos neste seculo, não deve esquecer o nome glorioso do bravo Louverture.

Era um negro de aspecto repellente, mas de intelligencia viva e sagacidade pouco vulgar.

Aprendeu a ler, e leu em Raynal estas palavras: — «Um dia apparecerá um negro, investido da missão de vingar a sua raça ultrajada».— Desde então, Raynal foi para elle um profeta, e elle o annuciado.

Em 1791, já elle tomava parte numa pequena insurreição de negros, na ilha de San-Domingos; e, dentro em pouco, era coronel, ao serviço do rei da Hispanha. Publicado todavia o decreto da Convenção sobre a escravatura, Louverture liga-se aos francezes, e entrega-lhes os pontos mais notaveis da ilha.

Aprisionado no Cabo o general francez Laveaux, é libertado por Louverture, que por esse facto é elevado a general de divisão e logar-tenente de Laveaux.

Chefe de todos os negros de San-Domingos, pensou em dominar toda colonia, e organisou, e disciplinou para isso, um exercito numeroso.

Começou por lutar com os inglezes, e libertou do dominio delles todo o norte e oeste da ilha.

Empós de uma popularidade immensa, adveio-lhe a proclamação de *salvador de San-Domingos*.

Em 1799, depois da saída do general Rigaud, Louverture fica definitivamente senhor da ilha,

Sobe ao consulado Bonaparte, e confirma-o general em chefe de San-Domingos.

Louverture, julgando realisada a emancipação da colonia, ergue palacios em duas capitais, e nomeia-se presidente vitalicio, separando-se completamente da republica franceza.

O seu governo constitue uma das épocas mais florescentes de San-Domingos.

Bonaparte envia seu cunhado o general Leclerc contra Louverture. A luta fere-se no Cabo, que se rende, depois de incendiado. Ainda assim, Louverture recusa submeter-se, e é declarado *rebelde*, e considerado *fóra da lei*.

Leclerc prosegue tenazmente na luta, e Louverture é obrigado a ceder e retira-se para os montes, onde promove um novo levantamento. Chamado porém traiçoeiramente a uma conferencia pelo general Brunet, é posto a bordo de uma fragata, e transportado a Paris, e d'ahi ao forte de Joux, onde morreu encarcerado, em abril de 1873.

Pedro Bonaparte, (pag. 120).— Pedro Bonaparte, uma das actuais vergonteas da familia napoleonica, foi, como todos sabem, o assassino daquella entusiasta e sympathica criança que se chamava Victor Noir. O julgamento deste crime foi um dos mais famosos escandalos judiciaes dos

tempos modernos, Pedro Bonaparte foi plenamente absolvido: o algoz teve por si a égide do seu nome, e a victima teve contra si o haver lido em prol da democracia.

Vai tão proxima a época deste attentado contra a consciencia humana, que não vale a pena entrar já em minuciosidade historicas.

O facto indignou, creio eu, todos os que amam a justiça. Quando a espada da justica, desviando-se indulgente das eminencias sociais, cai impiedosa e severa sôbre os pequenos e os fracos, é justificavel que um homem de consciencia lisa escrevesse os versos a que esta nota se refere.

*
*

Ultimos adeuses, (pag. 123).— Os *Ultimos adeuses* são o excerpto de um poemeto que há seis annos se publicou em Lisboa. Por vir de molde o assumpto, e achar-se esgotada a edição, julguei que não seria mau aviso transplantar para aqui algumas estrofes daquelle meu opusculo.

Estava no verdor dos meus vinte annos quando rimei o poemeto. Nessa idade, todas as almas são naturalmente lyricas, e a imaginação do artista, desatando-se em caprichosos arabescos, raramente permite que a ideia se ingrandeça e o pensamento se avigore.

As exhuberancias de forma, que os escrupulosos notarem acaso no alludido escripto, tem essa explicação e justificação talvez.

O pária, (pag. 163).— Um dos elementos da velha civilização indiana é o sistema das castas. Segundo a theogenia e a legislação dos hindús, os brahmanes (sacerdotes) constituem entre os homens a primeira classe; os kshatriás (militares e reis) a segunda; os veysias (agricultores) a terceira; os sudras (servos) a quarta e última. Os que não pertencem a nenhuma destas categorias são as mais desprezíveis creaturas do genero humano, impossibilitadas de entrar em relações com homens de qualquer classe, e sistematicamente opprimidas. Chamam-se — párias.

O voto, (pag. 165).— A revolução grega de 1821 é um dos factos mais notaveis e sympathicos na historia deste seculo, e um dos esforços mais heroicos em favor da liberdade humana.

Esta revolução, que atraíra ao seu seio o maior vulto da moderna poesia ingleza, lord Byron, foi a musa sublime de distintos poetas da Grecia moderna. Entre estes sobresai merecidamente Kalvos de Zante, de quem apresento a versão de uma ode excellente.

Verti em versos brancos aquellas primorosas rimas gregas, para que a fidelidade do traductor deixe entrever o genio opulento do grande poeta.

A ode responde áquelles reis que se lembraram de au-

xiliar a libertação da Grecia. Kalvos repelle a mão hipócrita dos protectores, e os seus versos são um brado vehementemente contra os oppressores de todos os matizes e em prol da dignidade de todos os opprimidos.

Em confirmação do merito de Kalvos, offerecerei áquelles, a quem não é estranho o idioma grego, uma estrofe original do *Voto*, estrofe que é uma scentelha vivissima de um genio deslumbrante:

«An opótan pethiné
poneros Basileys
esbin' è nykta en' astron
ethelon meinei oligá
oyránia photá».

Kalvos de Zante residiu algum tempo em França; e, antes de voltar á Grecia, aonde o chamava a libertação da patria, publicou as suas odes, dedicando-as ao general Lafayette. Na dedicatoria, dizia o notavel poeta:

— «Muito pobres para sustentarmos exercitos e frotas; privados de qualquer instituição que nos consolide a liberdade; sem armas para guarnecer os nossos rochedos, lutando contra um inimigo sempre combatido e sempre renascente; rodeados de ciladas pelos governos christãos que se mancommunaram com os inimigos do Evangelho, assaltados pelos offerecimentos perfidos de uma protecção que o nosso povo não pede, succumbiremos acaso? Não, general: Deus e o desespero servem-nos de escudo. Uma nação, que olha toda com desprezo para os seus adversarios, e com indiferença para o seu tumulto, não póde ser vencida. Coberta



embora de cinzas e ossadas, a Grecia há de ter quem a vingue; a Europa indignada estenderá a mão sôbre as nossas ruínas, e o seu protesto fará estremecer os que têm conspirado contra nós». —

Progredior, (pag. 189). — Se bem que este livro é dedicado a quem nem sempre logra mediana instrucção, deixo passar o termo latino *Progredior*, por se me afficurar que é termo já hoje cosmopolita, e que vai adquirindo direitos de cidade em todos os pontos a que se estendam as conquistas do *progresso*.

..... entra (sôfrego)... (pag. 48). — Aquelle parenthesis foi um descuido de revisão; e, como este, alguns mais se commetteram. Assim, na pag. 90, linha 14, lê-se em alguns exemplares:

— Não tremes? (lhe disse elle). —

Deve porém ler-se:

— Não tremes? (lhe disse ella). —

Na pag. 46, lin. 3, em vez de — *desempenhada*, leia-se — *despenhada*. Na pag. 75, lin. final, em vez de *ermo*, leia-se — *erma*. Na pag. 207, lin. ante-penultima, em vez de — *infermos*, leia-se — *infernos*.

Outros descuidos houve por certo na revisão, mas facilmente os corrigirá quem ler.

